

**JOANA LARA DA ENCARNÇÃO ANTUNES DE
ALMEIDA**

**COMPARAÇÃO ENTRE BEM-ESTAR
PSICOLÓGICO DO TUTOR E PROBLEMAS
COMPORTAMENTAIS NO SEU ANIMAL DE
COMPANHIA**

Constituição do júri:

Presidente: Professora Doutora Margarida Alves

Arguente: Professor Doutor Jorge Oliveira

Orientador: Professor Doutor Gonçalo da Graça Pereira

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Medicina Veterinária

**Lisboa
2015**

**JOANA LARA DA ENCARNÇÃO ANTUNES DE
ALMEIDA**

**COMPARAÇÃO ENTRE BEM-ESTAR
PSICOLÓGICO DO TUTOR E PROBLEMAS
COMPORTAMENTAIS NO SEU ANIMAL DE
COMPANHIA**

**Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de
Mestre em Medicina Veterinária no curso de Mestrado
Integrado em Medicina Veterinária conferido pela Uni-
versidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.**

Constituição do júri:

Presidente: Professora Doutora Margarida Alves

Arguente: Professor Doutor Jorge Oliveira

Orientador: Professor Doutor Gonçalo da Graça Pereira

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Medicina Veterinária

**Lisboa
2015**

EPÍGRAFE

Podemos muito bem perguntar-nos: o que seria do homem sem os animais? Então e o contrário: o que seria dos animais sem o homem?

Christian Hebbel

DEDICATÓRIA

Ao meu Lord, razão pela qual segui um
sonho.

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer a todos os animais que me fizeram desde cedo querer cuidar deles e melhorar o seu bem-estar, não sabendo ainda o significado de ser médica veterinária.

Um agradecimento muito especial ao Professor Doutor Gonçalo da Graça Pereira, por me mostrar o mundo do Comportamento e do Bem-estar Animal. Agradeço-lhe ainda por me ter despertado, não só, o interesse sobre este tema que se revelou muito interessante, como a partilha de conhecimentos, experiência e todo o apoio que me foi dado ao longo destes 7 anos de curso.

Aos Professores Sara Fragoso e Diogo Morais pelo apoio na elaboração do questionário e análise estatística; à Dra. Ana Pereira e a todos os outros médicos veterinários que se disponibilizaram a ajudar no estudo, à Dra. Ângela González Martinez na apreciação e discussão dos resultados obtidos e à Tabita Almeida pelo toque especial no texto.

A todos os meus Professores, que para além de me ensinarem, me inspiraram e fizeram com que queira sempre ser melhor do que sou.

Obrigada a todos os colegas que me acompanharam durante este percurso, principalmente à Raquel Batista, à Filipa Neto, à Rita Vicente e à Natália Silva, que além de colegas e companheiras, se tornaram amigas.

Ao corpo clínico do Hospital dos Animais, por me mostrarem os bastidores de um hospital veterinário e me acolherem como estagiária ao longo do meu curso. Agradeço ainda a todos os que me receberam tão bem na Clínica Veterinária da LPDA (Liga Portuguesa dos Direitos dos Animais) durante um estágio de verão. E, não podia deixar de agradecer, também, a todos os que trabalham no Centro Veterinário de Berna, pelo estágio curricular excelente que me proporcionaram e por me terem acolhido tão bem e me terem enriquecido de tantas formas durante o tempo que trabalhamos juntos.

À Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade do Tennessee, onde passei os melhores 3 meses do curso (e talvez da vida profissional), e a todos os Professores e colegas com quem me cruzei. Aprendi e cresci como nunca.

À minha família, especialmente aos meus pais, por me incentivarem a fazer aquilo de que gosto e a lutar por aquilo que quero. Obrigada por todo o esforço e sacrifício que fizeram por mim. Finalmente, valeu a pena! Obrigada ao Lucky, por ser um excelente “cãobaia” e ser o meu primeiro paciente e à Kiara por me fazer apaixonar pelo mundo felino.

A todos os meus amigos, pelo tempo que não lhes pude proporcionar.

Por fim, mas não menos importante, ao meu marido, obrigada por tudo! O teu apoio, carinho e compreensão foram essenciais! Obrigada por seres quem és.

RESUMO

O Homem tem vindo a relacionar-se com cães e gatos há, pelo menos, 9 mil anos, sendo o vínculo homem-animal já bastante conhecido. Acredita-se mesmo que a relação entre homens e cães/gatos é uma das relações interespecíficas mais fortes e tem inúmeros benefícios para a saúde (física e mental) humana. Os benefícios para o animal, são ainda pouco conhecidos, tal como a influência das atitudes humanas no comportamento canino e felino.

O presente estudo tem como objetivo verificar se existe alguma relação entre o bem-estar psicológico do tutor (depressão, ansiedade e stresse) e a presença de problemas de comportamento no seu animal de companhia. Para isso, foi elaborado um questionário para a caracterização do animal, do seu ambiente e do seu tutor, fazendo a avaliação do bem-estar psicológico deste através da escala DASS. Os questionários foram preenchidos por tutores de cães e gatos em consultas de rotina e em consultas de comportamento, conseguindo-se 78 questionários válidos.

Como principal resultado observou-se que os animais com problemas comportamentais possuem tutores com níveis de stresse mais elevados. Constatou-se também que tutores de animais castrados e com problemas comportamentais têm níveis de depressão mais altos. Verificou-se ainda que há mais tutores casados cujos animais apresentam problemas de comportamento e que estes animais são maioritariamente castrados e mais jovens. Existe ainda uma tendência para tutores de gatos serem mais stressados, do que tutores de cães.

Conclui-se assim existir uma relação entre o bem-estar psicológico do tutor e a presença de problemas comportamentais no seu animal de companhia.

Palavras-chave: vínculo homem-animal, depressão, ansiedade, stresse, problemas de comportamento.

ABSTRACT

Humans have been relating to dogs and cats for at least 9 thousand years and the human animal bond is now well known. It is believed that this interspecific relation is one of the strongest and has innumerable benefits for human physical and mental health. The animal benefits are less known as well the influence of human attitudes in canine and feline behavior.

The objective of this study is to verify if there is any relation between owner's psychological welfare (depression, anxiety and stress) and the presence of pet behavior problems.

To do so, it was created a questionnaire to characterize the animal, his environment and the owner, doing his psychological welfare evaluation through the DASS scale. These questionnaires were delivered to dog and cat owners in routine and behavior consults, gathering 78 valid questionnaires.

As principal result it was found that pets with behavior problems have owners with higher stress levels. Also, castrated pets with behavior problems have owners with higher depression levels. It was also found that there are more married owners with pets that have behavior problems. There is as well a tendency for cat owners to be more stressed than dog owners.

With this study, it was demonstrated a relation between the owner psychological welfare and the pet behavior problems.

Keywords: human-animal bond, depression, anxiety, stress, behavior problems.

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

AAA:.....Atividades Assistidas por Animais

AS:.....Ansiedade por Separação

DASS:.....Escala de Depressão, Ansiedade e Stress

DSM:.....Manual de Diagnóstico e Estatística das Desordens Mentais

EUA:.....Estados Unidos da América

GABA:....Ácido Gama Aminobutírico

SAQ:.....Questionário de Autoanálise

TAA:.....Terapias Assistidas por Animais

TAG:.....Transtorno de Ansiedade Generalizada

ÍNDICE GERAL

PARTE I.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
1 – NOTA HISTÓRICA	13
2 - RELAÇÃO HOMEM-ANIMAL.....	15
3 - STRESSE	21
4 - MEDO E FOBIA.....	21
5 - ANSIEDADE.....	22
5.1 - ANSIEDADE NOS ANIMAIS	23
5.1.1 - MANIFESTAÇÃO, DIAGNÓSTICO E AVALIAÇÃO	25
5.2 - ANSIEDADE EM HUMANOS	26
5.2.1 - MANIFESTAÇÃO, DIAGNÓSTICO E AVALIAÇÃO	27
6 – DEPRESSÃO	28
7 - RELAÇÃO ENTRE O COMPORTAMENTO DO ANIMAL E O BEM-ESTAR PSICOLÓGICO DO TUTOR.....	29
PARTE II	32
1 - MATERIAL E MÉTODOS.....	33
1.1 - METODOLOGIA DE RECOLHA DE DADOS.....	33
1.2 - QUESTIONÁRIO	33
1.3 - ANÁLISE ESTATÍSTICA.....	34
2 - RESULTADOS	35
2.1 - CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	35
2.1.1 - CARACTERIZAÇÃO DO TUTOR.....	37
2.1.2 - CARACTERIZAÇÃO DO ANIMAL	40
2.1.3 - CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE EM QUE O ANIMAL VIVE.....	42
2.2 - RESULTADOS DASS.....	45
3 - DISCUSSÃO	47
CONCLUSÃO	53
BIBLIOGRAFIA	54
APÊNDICE	I

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de animais com os vários problemas de comportamento descritos	35
Gráfico 2 - Número de questionários válidos em cada grupo (estudo – com problemas de comportamento – e controlo – sem problemas de comportamento), incluindo a divisão entre cães e gatos	36
Gráfico 3 - Distribuição dos tutores por distrito	36
Gráfico 4 - Número de animais relativamente ao género do tutor e à presença de problemas de comportamento	37
Gráfico 5 - Número de tutores (sexo masculino e feminino) em relação ao animal que possuem (cão ou gato)	38
Gráfico 6 - Distribuição do estado civil dos tutores.	39
Gráfico 7 - Distribuição da escolaridade dos tutores	39
Gráfico 8 - Número de tutores empregados e desempregados	40
Gráfico 9 - Número de machos e fêmeas presentes no estudo	41
Gráfico 10 - Estado reprodutivo dos animais	42
Gráfico 11 - Número de animais relativamente ao ambiente em que vivem	43
Gráfico 12 - Número de animais com e sem acesso ao exterior	43
Gráfico 13 - Distribuição dos animais segundo o local onde passam mais tempo	44
Gráfico 14 - Número de animais que convivem com crianças na mesma habitação	45
Gráfico 15 – Efeito de interação entre problemas comportamentais e estado reprodutivo co animal para a variável depressão	46

PARTE I

INTRODUÇÃO

A relação entre Humanos e animais remonta há milhares de anos (Turner, 2000; Serpell, 2008). Mas apesar de esta relação ser tão antiga, apenas nos últimos anos se tem investigado sobre os benefícios da relação Homem-animal, principalmente para a saúde humana.

Então e o outro lado da relação? O que é que, neste caso, os cães e gatos ganham com o relacionamento com os humanos? Será que há algo mais para além dos benefícios?

E quais os efeitos desta relação interespecífica relativamente ao comportamento e estado psicológico de cada espécie? Será que o bem-estar psicológico do homem pode provocar alterações no comportamento canino/felino, ou, por outro lado, comportamentos alterados por parte dos cães/gatos provocam transtornos no bem-estar psicológico do homem?

As relações interespecíficas são muito importantes do ponto de vista social e existem estudos nessa área que são pertinentes na medida em que os animais (cães e gatos) se estão a tornar, cada vez mais, parte integrante da nossa família. O objetivo deste estudo é então verificar se existe alguma relação entre a ansiedade, stresse e depressão do tutor e a presença de problemas comportamentais no seu animal de companhia.

Na primeira parte deste trabalho fala-se um pouco sobre a domesticação do cão e do gato, da sua evolução na sociedade até ao seu papel atual como animais de assistência e sobre a relação Homem-animal. Foca-se depois a atenção no bem-estar psicológico do tutor, falando sobre stresse, ansiedade e depressão e também de ansiedade nos animais. Por fim faz-se uma compilação de estudos referentes à relação Homem-animal e dos seus benefícios.

A segunda parte abrange toda a informação sobre o estudo, desde a metodologia aos resultados e, por fim, a discussão e as conclusões.

1 – NOTA HISTÓRICA

Acredita-se que a domesticação do cão tenha tido início há cerca de 32 mil anos na Europa (Thalmann, 2013) e a do gato pelo menos há 9 mil anos na Mesopotâmia (Vigne *et al.*, 2004; Bernstein, 2005; Driscoll *et al.*, 2007), tendo sido descobertos em Silves esqueletos de gatos que remontam ao século VIII (Gomes, 2002).

No início deste processo, o cão servia para a caça, guarda de casas e terrenos, e para o pastoreio (Flores, 2009), em que os melhores exemplares, nestas funções, eram selecionados para reprodução, dando origem às diferentes raças (Wilson & Reeder, 2005). Este animal foi também utilizado como soldado em guerras. Contudo, só no século XX se tornou um animal de companhia (Fogle, 2009), sendo um dos preferidos dos humanos, juntamente com o gato (Kostman, 2003).

Nos dias de hoje, milhares de cães e gatos são considerados animais de estimação, desempenhando funções muito diversificadas. Podem ser encarados como um ornamento ou um símbolo de *status*, como um membro da família, ou como um objeto de estima por parte do seu tutor (definido aqui como a pessoa que tem o animal a seu cargo, tendo como obrigação o seu bem-estar), podendo ainda contribuir para a terapêutica dos mesmos (Faraco, 2009).

Vários estudos indicam que, ter um animal de estimação, faz bem à saúde (Berzins, 2000; Serpell, 2000; Dotti, 2005; Schwartz, 2010; Pachana, 2011), ajudando no controlo dos fatores cardiovasculares (pressão arterial, triglicéridos e colesterol), na diabetes, nas nefrites, nas pneumonias, na maioria dos tumores, na diminuição da ansiedade e stresse, na ajuda no tratamento de depressões, no melhoramento da autoestima e socialização. Na mesma linha Niven (2001) refere ser a convivência com um animal, um dos fatores que contribui para a felicidade do ser humano.

Outros estudos referem ainda as Atividades Assistidas por Animais (AAA), e as Terapias Assistidas por Animais (TAA), que apoiam e ajudam no tratamento de doentes, crianças e idosos (Flores, 2009; Pachana, 2011). Recentemente, na Europa e nos EUA (Estados Unidos da América), foi comprovado que as famílias com animais de estimação têm menos despesas com a sua própria saúde do que as famílias sem animais (Pletsch, 2010; Pachana, 2011).

Para além de poder ser um animal de companhia, o cão é utilizado em vários trabalhos específicos: o *cão guia* para pessoas com deficiência visual já tem o seu estatuto e reconhecimento na sociedade científica e em geral e o *cão de alerta* para avisar as pessoas (por exemplo com epilepsia), da proximidade da ocorrência de um ataque e, embora menos conhecido, este cão é utilizado para outro tipo de patologias (como por exemplo diabetes – alertando caso os níveis de açúcar no sangue do doente desçam a níveis perigosos), salvando muitas vidas (Anderline, 2009).

Outro cão que tem um trabalho específico é o que auxilia indivíduos com deficiência física, que estão acamados ou confinados a cadeiras de rodas. Estes cães são treinados para apanhar e ir buscar objetos, fechar portas, apagar luzes e, sobretudo, dar o alerta quando existem alterações do estado de saúde do humano em questão. Os detentores destes cães sentem-se extremamente apoiados e protegidos pelos mesmos (Anderline, 2009).

Para tipos distintos de assistência humana, a Zooterapia, a AAA e a TAA são diferentes denominações onde os animais são utilizados como coterapeutas e coeducadores, facilitando o ensino e a aprendizagem e estimulando atividades físicas e terapêuticas (Silva, 2009). A TAA teve origem em Inglaterra no final do século XVIII, numa instituição para pessoas com distúrbios mentais, em que era permitido aos pacientes cuidar de animais de quinta como reforço positivo ao seu comportamento (Peixoto *et al.*, 2009). Em Portugal, a TAA é já uma terapia credível e com adesão por parte da comunidade científica. É aplicada com frequência, tendo provas dadas em crianças com autismo ou Síndrome de Down, no acompanhamento a séniores e adultos com diversos problemas (funcionais, psicológicos, ou que sofram de solidão) e em programas de reabilitação de reclusos (Porto & Cassol, 2007).

É possível que os cães tenham uma vida feliz e satisfeita no papel de animal de assistência ao humano. Segundo Santin (2015), a maioria dos cães adoraria passar 24 horas por dia com o seu tutor em vez de ficar em casa sozinho. A questão é como alimentar esse apreço pelas atividades e minimizar o stresse que se coloca sobre os cães de assistência (Santin, 2015).

Tem-se demonstrado uma crescente preocupação sobre o uso de cães de assistência para pessoas com necessidades especiais. Será que estaremos a ser justos com os cães ao pedir-lhes que exerçam esse papel? Veterinários e treinadores referem proble-

mas de comportamento e stresse em alguns cães de assistência, tais como: problemas digestivos, dermatológicos, claudicação, comportamentos compulsivos e severa ansiedade por separação. Espera-se que um cão de assistência tenha um alto nível de confiança num ambiente que é bastante anormal do seu ponto de vista, pedindo-lhes que vão contra a sua genética e evolução, não toquem em alimentos que estão facilmente ao alcance, não fujam de coisas novas ou assustadoras, ignorem odores sedutores, não corram atrás de outros animais, não ladrem ou rosnem para pessoas que pareçam ameaçadoras, etc. Assim, colocam-se os cães em ambientes stressantes – centros comerciais cheios, restaurantes barulhentos e hospitais que têm cheiros que podem ser agressivos para o olfato sensível dos cães (Santin, 2015).

Após o que foi dito anteriormente e, segundo estudos recentes, pode ainda mencionar-se que há uma evolução na estrutura familiar, sendo os animais de estimação vistos como membros da família, evoluindo-se para um sistema familiar composto por membros humanos e não-humanos (Faraco, 2009).

2 - RELAÇÃO HOMEM-ANIMAL

O vínculo que se cria entre o cão e o tutor é uma das primeiras razões pela qual várias pessoas têm animais de companhia. A relação de apego é uma componente necessária num grupo social, ajudando os elementos do grupo a manter-se juntos (Voith & Borchelt, 1996). Desde 1969 que há relatos de animais que desempenharam uma função de socialização de crianças através da sua relação com estas, através de tarefas onde as crianças aprendiam noções básicas de responsabilidade como alimentar e cuidar do animal (Dotti, 2005). Crescer com um animal de companhia pode ser uma das experiências mais satisfatórias para uma criança ou adolescente, pois é nessas idades que se estabelecem laços emocionais com os animais (Pachana, 2011).

Todas as formas que se têm vindo a desenvolver para a medição do nível de apego dos tutores aos seus animais de estimação são essencialmente antropocêntricas, explorando a perceção do animal por parte da pessoa, sem considerar o papel que a personalidade ou o comportamento do animal possam ter nesse aspeto (Serpell, 1996). Desta forma, acaba-se por estar perante o conceito de antropomorfismo, isto é, a atribuição de estados mentais humanos (pensamentos, sentimentos, motivações e crenças) a

seres não-humanos. Esta força transformativa não só moldou o comportamento e morfologia dos nossos animais de companhia como, através deles, melhorou a nossa saúde e bem-estar. O aparecimento do antropomorfismo deve-se à capacidade humana de reflexão consciente – habilidade de usar o conhecimento de si próprio e o conhecimento do que é ser uma pessoa para compreender e antecipar o comportamento de outros. Assim, crê-se que os nossos antepassados, atribuindo pensamentos humanos, sentimentos, motivações e crenças a outras espécies, abriram a porta à incorporação de alguns animais no meio-social humano, primeiro como animal de estimação e, por último, como dependentes domésticos (Serpell, 2005). Segundo Mithen (1996), sem o pensamento antropomórfico, a domesticação não teria sido possível, o que impediria a atual guarda de um animal de estimação.

Um estudo realizado por Edwards (2007) mostrou que o comportamento do gato para com o seu tutor é semelhante ao de uma criança para com a sua mãe. Este comportamento felino é consistente com a Teoria do Apego desenvolvida na década de 50 do século passado, que explica como a relação entre pais e filhos influencia o desenvolvimento destes (Bretherton, 1992). Segundo esta teoria, as crianças criam relações de apego a indivíduos que são sensíveis e responsivos para com elas e que se mantenham como seus responsáveis entre os 6 meses e os 2 anos de idade da criança. Quando a criança começa a gatinhar e a andar começa também a usar figuras de apego (pessoas familiares) como “porto seguro” para os quais volta após explorar o ambiente envolvente. Respostas positivas do responsável ajudam no desenvolvimento de padrões de apego, que irão guiar as perceções, emoções, pensamentos e expectativas do indivíduo nas suas relações futuras. Assim, após a perda de uma figura à qual se está apegado, a ansiedade e o luto são respostas normais (Harrison, 2014). Assim, dada a importância do papel do animal de estimação no seio familiar, não é de surpreender que a sua perda possa vir a ser uma das experiências mais traumáticas na vida, não parecendo haver diferença no significado que tem para crianças, adolescentes, adultos ou idosos. De facto, o luto experienciado pela perda de um animal de companhia tem sido comparado ao luto, pela perda, de um familiar, pois houve a rutura de um elo afetivo. No entender de Pachana, 2011, este tipo de luto segue a apatia típica, o choque e a descrença, seguidos de sentimentos de culpa, tristeza, raiva, ansiedade e depressão.

Todavia, os animais de companhia promovem um desenvolvimento psicossocial positivo em crianças, as quais vão demonstrar um aumento de empatia, autoestima,

desenvolvimento cognitivo e participação em atividades sociais e atléticas. De facto, é mais fácil para uma criança ter empatia com um animal do que com uma pessoa, pois o animal nunca a condena e está sempre (ou quase sempre) disponível. Esta ligação contribui para uma maior confiança, melhoria no humor e maior empatia com humanos por parte da criança (Pachana, 2011). Vários estudos indicam que os animais de companhia mantêm muitos dos mesmos benefícios durante a vida adulta dos humanos, proporcionando companhia, ajuda na saúde e relaxamento, proteção, lealdade e continuação de aceitação incondicional. Este elo continua até à idade sénior, onde está referido o efeito positivo de ter um animal de estimação, melhorando os níveis de satisfação com a vida e segurança pessoal. Para um idoso, especialmente se vive sozinho, o animal é a sua família (Pachana, 2011).

Friedmann (1995) e Odendaal & Meintjes (2003) colocaram a hipótese de que os animais de companhia pudessem diminuir a ansiedade dos humanos, tornando-se num foco de atenção agradável, promovendo sentimentos de segurança e fornecendo uma fonte de contacto confortável, contudo a perspetiva do animal também é muito importante.

Tal como acontece nos humanos, a separação do cão da sua figura de apego primário - o tutor, pode desencadear uma resposta de ansiedade excessiva. Quando um animal, ou criança, é deixado sozinho é natural que demonstre ansiedade, mas com o tempo, e a repetição, aprendem que o tutor há-de voltar, conseguindo assim controlar a ansiedade quando este evento se repete no futuro. A esta resposta chama-se ansiedade por separação (Parthasarathy & Crowell-Davis, 2006), discutida mais à frente, sendo apenas uma das muitas doenças comportamentais que podem afetar a relação Homem-animal.

Um estudo realizado por Serpell (1996) demonstrou uma diferença bastante significativa entre a avaliação, por parte dos tutores, do comportamento de cães e gatos. Os cães são vistos como mais brincalhões, confiantes e relaxados em situações não familiares, afáveis, excitáveis, enérgicos e inteligentes e menos agressivos para com pessoas conhecidas, do que os gatos. Contudo, poucas diferenças foram notadas entre tutores de cães e gatos relativamente à perceção do que é um comportamento “ideal” para um animal de companhia. O mesmo estudo demonstrou que tutores de cães que relataram baixo apego ao seu animal são aqueles que menos satisfeitos estão com o compor-

tamento destes (comparativamente ao que seria por eles esperado num animal “ideal”), comparados com aqueles tutores que relataram um alto apego ao seu animal de companhia. Tutores de gatos com pouco apego ao seu animal estão mais insatisfeitos com o nível de demonstração de afeto por parte destes. Contudo nos outros aspetos analisados são muito menos consistentes que os tutores de cães. Os gatos são considerados mais ariscos e menos demonstrativos afetivamente que os cães. A relação entre o comportamento do animal de companhia e os níveis de apego por parte do seu tutor é possível que dependa da expectativa que este tem relativamente ao comportamento daquela espécie, raça, indivíduo, etc. (Serpell, 1996).

Tutores que reportaram um alto grau de compatibilidade comportamental com o seu animal eram, não só, mais apegados a estes, como tinham em geral uma melhor saúde mental, pensamentos positivos de bem-estar, menos stresse e ansiedade e menos sintomas físicos de doença do que outros tutores com menor compatibilidade com os seus animais (Serpell, 2000).

Por outras palavras, tutores de animais com um grande apego ao seu animal tendem significativamente a beneficiar mais desta “posse” do que tutores menos apegados ao seu animal. Tutores de cães parecem dar-se melhor com estes do que tutores de gatos, talvez devido ao apego ao cão ser, em média, maior (Serpell, 2000). Segundo O’Farrel (1997), um estudo de Wilbur em 1976 sugere que o grau de ligação do tutor para com o seu animal pode ser independente do grau de apreciação do mesmo. Os tutores vêem os seus animais como um semelhante à sua personalidade (O’Farrel, 1997).

Vários estudos avaliam a ligação dos tutores ao seu animal de estimação (Serpell, 1996; O’Farrel, 1997) mas poucos têm estudado especificamente o contrário, ou seja, a ligação do animal ao seu tutor. No entanto, Tuber e colegas, em 1996, descobriram que cães de canil expostos a novas situações apresentavam menor excitação e níveis de glucocorticoides mais baixos quando em companhia do seu tratador, do que quando acompanhados com outros cães do seu canil. Estes dados sugerem haver diferença entre a ligação cão-Homem e a ligação entre cães (Parthasarathy & Crowell-Davis, 2006).

Também Cusack & Smith (1984) demonstraram que quando um humano faz uma festa a um cão, a média do valor da pressão arterial deste diminui. Durante uma interação interespecífica positiva, o valor da pressão arterial tende a diminuir em ambas

as espécies, havendo um aumento significativo da β -endorfina, oxitocina, prolactina e dopamina plasmáticas. Os valores de cortisol diminuíram em humanos e tenderam a aumentar em cães, no entanto a diferença entre a *borderline* e o valor pós-interação não foi significativo (Cusack & Smith, 1984).

O cortisol, apesar de muito criticável, sobretudo individualmente, tem sido usado como indicador de resposta ao stresse em estudos de bem-estar animal (Coppola *et al.*, 2006).

Assim, Coppola e colegas, em 2005, determinaram que numa sessão de contacto entre humanos e cães admitidos num canil, diminuiu os níveis de cortisol ao 3º dia da sua estadia, quando comparados com outros cães sem esta interação. Esta sessão pode ter sido benéfica para o bem-estar do animal e processo de adoção, pois a interação com humanos pode ser um meio efetivo para reduzir o cortisol como resposta ao stresse em animais nos canis, permitindo aos responsáveis do canil a avaliação do temperamento do cão, que poderá ser usado, posteriormente, no processo adotivo (Coppola *et al.*, 2006).

Num outro estudo, realizado por Horváth e colegas, em 2007, a concentração de cortisol em cães polícia e de guarda de fronteira foi avaliada antes e depois de uma interação de brincadeira com o seu binómio. A concentração de cortisol em cães polícia mais velhos aumentou significativamente enquanto que a de cães guarda adultos diminuiu. Isto pode dever-se ao tipo de interação interespecífica, pois as sessões de brincadeira dos polícias foram baseadas no disciplinar dos seus cães, enquanto os guardas apenas brincaram com os seus. Assim, concluíram que comportamentos associados a controlo, autoridade ou agressão aumentam a concentração de cortisol e comportamentos afiliativos e de brincadeira diminuem-nos (Horváth *et al.*, 2008).

Apesar da interação com os animais e toda a história do relacionamento entre humanos e animais de estimação, o abandono é um importante problema de saúde pública e de bem-estar animal. Existem diversas causas como a religião, cultura, aspetos demográficos, ecológicos e biológicos e também está muito relacionado com o grau de desenvolvimento do país (Ferreira, 2009). Juntam-se ainda as questões sociais, legais, financeiras e éticas (Acha & Szyfres, 1980). As mudanças de residência (New *et al.*, 1999) e questões de saúde e pessoais dos tutores (Scarlett *et al.*, 1999) são também dadas como razões específicas para o abandono. Segundo um estudo elaborado por Sa-

lema em 2005, foi estimado que, nesse ano, foram abandonados 10 milhões de cães e gatos em Portugal. Neste estudo, apresentaram-se várias causas para o abandono como: férias dos tutores, cães de caça que deixaram de “servir” para o trabalho, doenças graves e dispendiosas dos animais, doença ou morte do tutor, divórcio de conjugue e condomínios que não permitiam animais (Salema, 2005).

Estima-se que existam milhões de animais errantes cuja origem se encontra numa má gestão da relação humano-animal (Macpherson *et al.*, 2000). Assim, nestes casos, as razões para o abandono poderão ser secundárias a um manejo inadequado e a falta de conhecimento das necessidades fisiológicas e psicológicas do animal por parte dos tutores (Garcia *et al.*, 2012). Em geral, o problema reside no facto dos tutores não conseguirem identificar o que pode estar a contribuir para os problemas comportamentais do seu animal e não estarem também disponíveis para, antes de entregar ou abandonar o animal, identificar os problemas e encontrarem soluções viáveis. Muitos dos tutores estão a experimentar os resultados de expectativas irrealistas que tinham para com os próprios animais, mas a conclusão é que, devido a esses motivos, muitos animais, que de outra forma poderiam permanecer na sua casa, são abandonados ou deixados em abrigos (Scarlett *et al.*, 1999).

Arkow & Dow (1984), citados por Serpell (1996), demonstraram que os problemas comportamentais eram a segunda maior causa de abandono de animais de companhia nos EUA. Em 1988, um questionário do *Council for Science and Society* demonstrou que 17,5% dos cães e 5% dos gatos em Inglaterra eram abandonados devido ao mesmo problema (Serpell, 1996). Também de acordo com Salman e colegas (2000), Cruz (2012) e Cardoso (2013), os problemas comportamentais são uma das principais causas de abandono e eutanásia de cães e gatos, uma vez que afetam diretamente a sua qualidade de vida e a de quem convive com eles. A eutanásia ou abandono dos animais de companhia está, na maioria dos casos, associada a problemas de agressividade ou comportamentos destrutivos em cães e gatos. Só nos EUA, cerca de 20 milhões de animais de estimação são abandonados, por ano, em abrigos e, pelo menos metade destes, são eutanasiados devido a problemas de comportamento (Seksel, 1997; Serpell, 2005).

Infelizmente enquanto tutores insatisfeitos e abrigos de animais removem alguns indivíduos menos adaptados no fim de um ciclo de vida, pouco tem sido feito no outro extremo para assegurar que os animais de companhia sejam criados com fins

compatíveis de temperamento e comportamento. Para controlar a população canina e felina, associações de proteção animal por todo o mundo têm realizado campanhas de esterilização para animais de companhia, eliminando muitos dos animais “bem comportados” da população reprodutiva. Isto tem permitido que a moda e a estética determinem quais os animais a reproduzir, baseando-se em *standards* arbitrários e conformações físicas que pouco têm a ver com comportamento e morfologia adaptativa (Serpell, 2005). Se ao selecionar características comportamentais se adquirem alterações morfológicas (Trut *et al*, 2012), decerto que o contrário também poderá acontecer.

3 - STRESSE

O conceito de stress foi introduzido por Selye no início do século XX como uma resposta inespecífica do organismo a elementos externos como agentes patogénicos ou a um ambiente físico desfavorável (calor, frio, etc.). Concomitantemente aos efeitos específicos, como transpirar em resposta ao calor, qualquer agente pode desencadear uma resposta não específica para restabelecer a normalidade. Selye observou que ratos expostos a diferentes agentes adversos mostraram os mesmos sintomas, e que estes sintomas formavam uma resposta de alarme: hipertrofia das glândulas adrenais, atrofia do timo e linfonodos e surgimento de úlceras gástricas. Esta resposta é seguida de resistência e exaustão, sendo o conjunto destas modificações designado, por este autor, como síndrome de adaptação geral. Respostas ao stress ocorrerem quando a homeostasia do animal está em risco. O síndrome de adaptação geral postula que os efeitos permanecem relativamente similares qualquer que seja a fonte de stress. Recentemente foi introduzido o conceito de *alostasia* (estabilidade durante as mudanças). Qualquer desafio que o animal enfrente leva a uma modificação do seu funcionamento, a qual o prepara para futuros desafios (Veissier & Boissy, 2006).

4 - MEDO E FOBIA

O medo é uma emoção simples que pode estar ligada a qualquer situação específica (Gouveia, 2000) e tem sido caracterizado como a resposta ao perigo ou ameaça (Ohl *et al.*, 2008). Esta emoção não deve ser considerada de forma depreciativa, pois

pode ajudar o indivíduo a defender-se de ocorrências perigosas (Gouveia, 2000). O medo ativa o sistema nervoso simpático, produzindo manifestações periféricas como taquicardia, taquipneia, tremores e sudoré (Fatemi, 2008). O medo desperta o organismo para agir reflexivamente em resposta a determinados estímulos. O primeiro ponto de controlo parece ser as estruturas subcorticais como a amígdala que ativa o núcleo hipotalâmico que por sua vez ativa o sistema nervoso simpático autónomo e o eixo hipotálamo-hipófise-adrenal. Ao mesmo tempo, outras regiões cerebrais, como o hipocampo e o córtex cerebral são também ativadas. Com este processo, quase todas as capacidades neuronais ativadas estão focadas na ameaça imediata, interferindo com o normal processamento da informação, tornando distorcida a avaliação do risco (Ohl *et al.*, 2008). No entanto, é útil, por exemplo, ter medo de atravessar uma rua com muito trânsito, observando assim se é possível atravessar em segurança, não sendo, deste modo, atropelado. O medo é uma emoção adaptativa, mas há situações em que o deixa de ser, isto é, no caso das fobias (Gouveia, 2000), em que a ansiedade disfuncional se torna uma desordem ansiosa generalizada (Ohl *et al.*, 2008).

Tanto as fobias como as reações de pânico envolvem respostas remanescentes do medo agudo, embora normalmente, piores. O *pânico* é caracterizado por respostas de medo agudo e intenso que não são associadas com algo específico no ambiente (Fatemi, 2008). As *fobias* caracterizam-se pelo facto de um indivíduo demonstrar um medo focado numa determinada pessoa, objeto ou circunstância, que a maioria usualmente não manifesta. As *desordens fóbicas* são caracterizadas por medo intenso a determinados estímulos (Fatemi, 2008), sendo que nas *fobias específicas*, o estímulo desencadeador pode ser um objeto ou uma situação, por exemplo, tempestades, outros animais ou pessoas, barulhos, entre outros. Têm a particularidade de não poder ser facilmente acalmadas (Gouveia, 2000), impossibilitando muitas vezes a vivência normal do indivíduo.

5 - ANSIEDADE

A ansiedade é uma resposta natural do organismo a certas situações, envolvendo múltiplas regiões cerebrais, que estão normalmente num estado inativo (Fatemi, 2008). É uma emoção essencial que foi altamente conservada durante a evolução. É uma reação adaptativa quando o animal é confrontado com um potencial perigo ou

ameaça. A *ansiedade patológica* foi definida por Ohl e colegas como uma disfunção e emoção aversiva, persistente, incontrolável, excessiva, inapropriada e generalizada que ativa respostas fisiológicas e comportamentais sem valor adaptativo. Comportamentos relacionados com ansiedade patológica são a resposta à antecipação ou percepção exageradas da ameaça, que não tem relação com a situação real (Ohl *et al.*, 2008).

Enquanto o medo reflete a resposta a uma ameaça imediata, com ativação da resposta *fight or flight* e de várias regiões cerebrais, incluindo a amígdala, a ansiedade está intimamente envolvida com a expectativa antecipatória negativa (Fatemi, 2008). A ansiedade torna o indivíduo capaz de escapar ao perigo e a evitá-lo no futuro, i.e., torna o animal apto a lidar com os desafios ambientais (Ohl *et al.*, 2008). A percepção do medo ou ansiedade envolve o córtex cerebral que regista o medo e responde com comportamentos de sobrevivência. A presença e severidade da ansiedade são reguladas por neurotransmissores (ácido gama aminobutírico - GABA, Serotonina e Dopamina) e neuropeptídeos (hormona libertadora da corticotrofina, Substância P, neuropeptídeo Y, Colecistoquinina e Vasopressina), cujo sistema mantém um equilíbrio delicado de ativação e retro inibição. É este equilíbrio que mantém uma resposta adequada a estímulos e à inibição do medo e ansiedade em situações de não ameaça. A perturbação deste equilíbrio pode induzir ou manter um transtorno de ansiedade (Fatemi, 2008). Se as respostas devido à ansiedade são inapropriadas, a habilidade do indivíduo em se adaptar às condições do ambiente é substancialmente comprometida (Ohl *et al.*, 2008).

Interagindo com processos cognitivos, a ansiedade regula comportamentos em humanos e outros animais. A avaliação de comportamentos relacionados com a ansiedade em animais é baseada na suposição de que a sua ansiedade é comparável à dos humanos. De facto, não é possível provar que um animal experiencie ansiedade da mesma forma que um ser humano. Contudo, é incontestável que padrões comportamentais e fisiológicos distintos em animais indicam ansiedade (Ohl *et al.*, 2008).

5.1 - ANSIEDADE NOS ANIMAIS

Dentro dos transtornos de ansiedade nos animais, a *ansiedade por separação* (AS - atualmente designada por *distress related with owner separation*) é um problema comportamental muito comum em cães, correspondendo até cerca de 40% dos casos

presentes na especialidade (Ohl *et al.*, 2008). Estes cães manifestam sinais de ansiedade quando o tutor os deixa sozinhos, mesmo que seja só noutra divisão da casa (Sherman, 2000) e, apesar da sua causa ser desconhecida, pensa-se que seja devido à natureza social dos cães e do seu hiperapego a indivíduos específicos (Simpson, 2000).

O hiperapego pode ter diferentes origens e consequências na manifestação da AS. O *hiperapego primário* está relacionado com características de imaturidade no animal após a puberdade, com a continuidade do laço afetivo primário dirigido ao tutor, formado quando o animal ainda é uma cria. O *hiperapego secundário* está associado a traumas, fobias e outros distúrbios emocionais e pode surgir em qualquer idade. Outros fatores que podem contribuir para o hiperapego é o contacto exagerado e constante da cria com o tutor, não permitindo que este forme a sua independência. Crias que sejam abandonadas ou retiradas à progenitora nos primeiros meses de vida (até aos 50 dias), e que desta forma não façam o desapego com a progenitora, tendem a hiperapegar-se a um ou vários tutores (Appleby & Pluijmakers, 2003). O hiperapego é caracterizado pela colocação do tutor no centro das atividades do cão. É comum ser um “cão sombra”, seguir o tutor para todo o lado em casa, queira dormir o mais próximo possível deste, manter contacto físico constante e exigir atenção permanente (Sherman, 2000). Simpson (2000) afirma não existir evidência de que permitir que o cão durma na cama do dono ou no sofá contribua para a AS, contudo existem evidências de que muitos dos cães com este problema têm uma relação muito próxima com os seus tutores.

A correta socialização da cria com outros cães, pessoas, ambientes e estímulos pode contribuir para a redução da dependência do tutor aquando da idade adulta do seu animal (Appleby & Pluijmakers, 2003). Além disso, fatores como a genética e a neurofisiologia podem também ter um papel importante no desenvolvimento da AS (Simpson, 2000).

A seleção genética em busca de animais com maior afeição, socialmente dependentes e com comportamento infantilizado pode, também, contribuir para o surgimento da AS (Simpson, 2000).

5.1.1 - MANIFESTAÇÃO, DIAGNÓSTICO E AVALIAÇÃO

A AS afeta ambos os sexos mas os machos são mais afetados. Não existe predisposição racial e, a idade em que os sinais tipicamente aparecem é entre os 9 meses e os 2 anos de idade, podendo aparecer em cães idosos à medida que se tornam mais dependentes do seu tutor (Simpson, 2000; Parthasarathy & Crowell-Davis, 2006).

O diagnóstico de ansiedade em animais é baseado na história comportamental deste, excluindo outros diagnósticos diferenciais (médicos ou comportamentais). Os sinais ocorrem quando um cão afetado é deixado sozinho ou é separado da(s) sua(s) figura(s) de apego. A ansiedade expressa-se através de vários comportamentos (podendo um cão apresentar apenas um ou vários) (Simpson, 2000; Ohl *et al.*, 2008). Em casos moderados de ansiedade o cão arfa, saliva e apresenta tremores, enquanto casos mais extremos são caracterizados por vocalização excessiva, eliminação e/ou comportamentos destrutivos (Parthasarathy & Crowell-Davis, 2006). Uma das particularidades destes comportamentos são a destruição localizada à volta da porta por onde o tutor saiu, podendo também alargar-se a outros objetos (em certos cães a destruição foca-se em objetos específicos na casa - sobretudo os últimos com que o tutor teve contacto). Eliminação urinária ou fecal em casa é um sinal bastante comum e está relacionada com a excitação do animal. Quando ambas acontecem, provavelmente é sinal de AS. Mas devem considerar-se também outros diagnósticos diferenciais, como falha no treino de higiene, marcação territorial, fobia de sons, desordem gastrointestinal ou urinária e outros problemas médicos. As vocalizações incluem uivos e ladrar distintos do normal (Simpson, 2000). Estes comportamentos exibidos podem ser contrários aos que o cão normalmente exhibe na presença do tutor, podendo não mostrar sinais de ansiedade. Para um diagnóstico definitivo, estes comportamentos não podem ocorrer quando o tutor está presente mas apenas no período em que o cão fica sozinho (Simpson, 2000; Parthasarathy & Crowell-Davis, 2006). Outra característica destes cães é fazerem cumprimentos excessivos quando o tutor regressa a casa e só se alimentarem na sua presença (Simpson, 2000). O fenómeno da AS não é limitado a cães, tendo já sido descrita também em gatos (Ohl *et al.*, 2008).

Testes para avaliar a ansiedade em animais são quase sempre restritos à avaliação de comportamentos dependentes da situação concreta e pode ser difícil investigar os traços peculiares da ansiedade nos animais. Assim, a avaliação da ansiedade nos ani-

mais é dependente do método e teste usado. O requisito mínimo para testar a ansiedade num animal é deixá-lo mostrar os seus comportamentos de uma forma natural. É importante ter em conta que estes comportamentos de ansiedade (como alterações na exploração, na atividade motora, nos processos cognitivos) podem ser confundidos aquando da avaliação da ansiedade, pois são naturalmente expressos pelo animal quando este se vê num ambiente novo, havendo alguns sinais específicos de cada espécie (Ohl *et al.*, 2008).

5.2 - ANSIEDADE EM HUMANOS

A característica essencial do Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) é o medo irrealista ou exagerado e a apreensão relativa a circunstâncias quotidianas. Trata-se de uma condição que, essencialmente envolve medo antecipatório, i.e. preocupação. Preocupações do dia-a-dia são aumentadas para além do funcionamento normal ou adaptativo. As fontes desse medo podem ser variadas mas são frequentemente questões comuns, como a saúde, finanças, aceitação social, emprego e performance laboral, família e relacionamentos (Fatemi, 2008).

Desordem Obsessivo-Compulsiva agrupa a ideia obsessiva e comportamentos compulsivos. As *obsessões* são medos ou preocupações fixados em eventos improváveis e não podem ser diminuídos por apaziguamento normal. *Compulsões* são comportamentos repetitivos tipicamente em resposta a uma obsessão (Fatemi, 2008).

Adicionalmente aos transtornos de ansiedade existem também outras desordens mentais, como a depressão e o abuso de substâncias. Esta associação está relacionada com um maior risco de morbilidade e mortalidade, por exemplo, o pânico associado a uma depressão grave tem um maior grau de tentativas de suicídio do que ambas as desordens individualmente. Um diagnóstico e intervenção precoces vão diminuir a severidade e risco destas desordens (Fatemi, 2008).

Relativamente às fobias, as mais comuns são as específicas e as sociais. Algumas das desordens de ansiedade comumente associadas entre si são a depressão, desordens de personalidade e abuso de substâncias (Fatemi, 2008).

5.2.1 - MANIFESTAÇÃO, DIAGNÓSTICO E AVALIAÇÃO

O TAG pode parecer um exacerbar das preocupações do dia-a-dia mas é acompanhado por tensão, preocupações, estado de espírito ansioso e outros sintomas. Estes sintomas são psicológicos (apreensão, ansiedade, hipervigilância, perturbações do sono, irritabilidade, impaciência, dificuldade de concentração, perdas de memória) e físicos (tensão muscular, dores, fadiga, agitação, tremores, hiperatividade, palpitações, suor, hiperventilação, tonturas, sensação de formigueiro, dificuldade em relaxar, náuseas, diarreia, poliúria e aumento ou perda de apetite) (Fatemi, 2008; Ohl *et al.*, 2008).

Os critérios para o diagnóstico do TAG são vários mas o mais significativo é a preocupação excessiva. Para ser diagnosticado é necessário que os sintomas tenham persistido por mais de 6 meses. A propensão para este transtorno é parcialmente hereditária (genética) com grande influência de fatores ambientais (traumas emocionais, etc.) e as mulheres parecem ser mais afetadas que os homens. Este diagnóstico, apenas é conseguido em ¼ dos pacientes (Fatemi, 2008).

Um dos métodos utilizados para a avaliação da ansiedade em humanos é a Escala de Depressão, Ansiedade e Stresse (DASS), antigamente conhecido por Questionário de autoanálise (SAQ) (Lovibond, 1995).

A DASS é um conjunto de 3 escalas (com 14 itens cada) criada para medir o estado emocional de depressão, ansiedade e stresse. A *primeira* avalia a disforia, o desespero, a desvalorização da vida e a inércia; a *segunda* avalia a excitação, os efeitos músculo-esqueléticos e a ansiedade situacional; a *última* é sensível aos níveis de excitação não específica crónica e avalia a dificuldade de relaxamento, a excitação nervosa e a facilidade em se enervar, agitar ou irritar. O total das 42 questões têm 4 graus de severidade/frequência para os pacientes avaliarem relativamente à sua vida na última semana. O resultado é calculado pela soma dos itens relativos a cada escala (Lovibond, 1995).

A DASS é baseada num conceito dimensional em vez de categórico da desordem psicológica. A suposição em que se baseou o desenvolvimento da DASS, que foi posteriormente confirmada por estudos, é a de que a diferença entre a depressão, a ansiedade e o stresse experienciados por pessoas “normais” e por pessoas clinicamente perturbadas está no seu grau. A escala de depressão da DASS está intimamente relacionada com os transtornos de humor, apesar dos critérios de diagnóstico para esses transtornos

incluïrem muitos sintomas que foram rejeitados durante o desenvolvimento da DASS por não serem específicos de depressão (culpa e alteração de apetite por exemplo). Esta escala corresponde aos critérios de diagnóstico do TAG pelo DSM (Manual de Diagnóstico e estatística das Desordens mentais), podendo esta ser utilizada em grupos ou indivíduos, para fins de estudo e pesquisa. A capacidade de distinção entre depressão, ansiedade e stresse é útil para pesquisadores que procuram a natureza, etiologia e mecanismos de perturbação emocional (Lovibond, 1995).

6 – DEPRESSÃO

A depressão é, segundo o DSM, um síndrome médico/psiquiátrico com sintomas como apatia, ganho/perda de peso, insónia/hipersónia, agitação/letargia, sentimentos de culpa, diminuição do interesse e prazer, dificuldades de concentração e tomada de decisões e pensamentos recorrentes de morte e suicídio. O mesmo Manual exige que os sintomas durem mais de duas semanas e persistam quase todos os dias. A depressão difere da normal tristeza na medida em que os sintomas são mais frequentes, persistentes e severos. Os sintomas da depressão podem deteriorar o funcionamento de quase todos os aspetos do dia-a-dia da pessoa, como a capacidade de trabalhar, socializar, cuidar da família e até de si próprio (Lowe, 2004).

Estima-se que a depressão afete entre 10-20% da população, sofrendo as mulheres mais do que os homens numa proporção de 2:1. Fatores de risco passam por precedentes familiares de depressão na família, alcoolismo e morte de um ou ambos os pais numa idade precoce (Kleinman, 2004)

Existem muitos fatores que podem contribuir para a depressão, mas não há nenhum responsável pela mesma. Podem ser divididos em fatores biológicos (alterações bioquímicas no cérebro, efeitos hormonais, genética e medicação) e psicológicos (stresse ambiental e certos eventos – como a morte de um familiar próximo), para uma melhor compreensão e ajuda no tratamento (Lowe, 2004).

7 - RELAÇÃO ENTRE O COMPORTAMENTO DO ANIMAL E O BEM-ESTAR PSICOLÓGICO DO TUTOR

No tratamento de problemas comportamentais no animal é usual a avaliação da atitude do tutor, sendo uma parte essencial do processo de diagnóstico, pois pode ser a causa ou contribuir para a manutenção do problema comportamental. Diferentes tutores mostram uma variedade de atitudes para com o seu animal. Estas atitudes são frequentemente complexas, inconsistentes, de alta carga emocional e dependente da personalidade de cada um. A Teoria Psicoanalítica é um modelo que pode explicar estas características. Isto tem relevância clínica apenas se estas atitudes afetarem o comportamento do animal, e em particular, se estas contribuírem para a causa ou manutenção do problema. Para O'Farrel (1997), as duas características da personalidade do tutor e das atitudes relacionadas com o problema comportamental do animal são o antropomorfismo e a ansiedade do tutor.

A possível relação entre o comportamento do animal de companhia e o comportamento do seu tutor, bem como as suas interações tem tido pouca atenção na literatura, apesar deste tema ser relevante para a compreensão dos potenciais benefícios da posse de um animal de estimação (O'Farrel, 1997).

Voith (1992) não encontrou uma associação significativa entre antropomorfismo (incluindo cuidado em excesso) e problemas de comportamento. O'Farrel (1997) mostrou que o grau de ansiedade do tutor não estava relacionado com as suas atitudes ou com a agressividade dos animais, contudo estava significativamente correlacionada com atividades deslocadas. Se a ansiedade do tutor está relacionada com a excitabilidade e atividades deslocadas dos animais, o mecanismo da sua interdependência parece ser a de que tutores ansiosos estão mais inclinados para usarem psicologicamente o seu animal de modo a controlarem as suas próprias emoções. Isto torna as atitudes do tutor em relação ao animal mais inconsistentes (punir ou recompensar o mesmo comportamento em alturas diferentes) o que pode induzir animais suscetíveis a estados de conflito que se manifestam em atividades deslocadas. Esta inconsistência contribui para a continuação da esteriotipia (O'Farrel, 1997).

Outra associação com a ansiedade do tutor são os medos e fobias do animal como o *fear transmited down the leash*. A antecipação de um problema tende a causar

tensão no tutor, que é “transmitida pela trela” até ao cão, tornando o seu comportamento pior (Mickey, 2000).

Os cães procuram no tutor a forma de como se devem comportar em determinadas situações. A forma como o tutor reage a essas situações influencia o cão a reagir da mesma forma, o que pode ser bom, ou mau. Se o tutor sentir medo ou incerteza o cão vai ficar com medo e incerto, ou pelo menos inquieto. O cão tem a percepção da situação através das ações do tutor. Por exemplo, o tutor de um cão que é inseguro ou agressivo para com outros cães terá preocupação com o que possa acontecer quando o seu cão se encontra com outro(s). Este cão vai detetar a incerteza do seu tutor, o que reforça o seu medo e vai provavelmente agir agressivamente para com qualquer cão que se aproxime (o medo é muitas vezes mascarado de agressão). Isto é mais frequentemente observado em cães à trela, pois a incerteza do tutor “viaja” pela trela até ao cão. Os tutores contribuem inadvertidamente para o problema quando tornam mais firme a pega da trela ou puxam o cão para outro lado, o que transmite más vibrações para o cão, tornando-o inquieto e ansioso. Muitas vezes estes cães não apresentam qualquer tipo de problema em torno de outros cães estando soltos, isto é, sem trela (Mickey, 2000).

Se o tutor agir com confiança, o cão vai espelhar essa atitude. Assim, no cenário anteriormente descrito, se o tutor imaginar que o cão a aproximar-se do seu vai ser amigável e que o seu se vai comportar adequadamente, e se mostrar confiante (não alterando a pega da trela), o cão irá perceber a sua calma e sentir-se-á mais à vontade no encontro com os outros cães (Mickey, 2000).

O’Farrel (1997) correlacionou significativamente a frequência e o quão problemático para os tutores eram os comportamentos do animal, mas não encontrou correlação entre as fobias do animal e a frequência da resposta fóbica com a ansiedade do tutor. Contudo, o grau em que cada tutor colocou a fobia do seu cão revelou-se significativamente correlacionado com a sua ansiedade, ou seja, a ansiedade do tutor não parece ser a causa ou a razão da continuação do medo do animal, mas afeta a forma como o tutor se sente em relação a esse medo. (O’Farrel, 1997).

Um estudo conduzido por cientistas da *Newcastle University* demonstrou que as mudanças no comportamento de cães saudáveis e felizes podem indicar que o seu proprietário está doente ou entediado (Costa, 2015). Além desta relação, tutores que

sofram dificuldades emocionais são mais facilmente levados a projetar qualidades inaceitáveis no seu animal de estimação (O'Farrel, 1997).

O'Farrel em 1997 mostrou que pessoas menos neuróticas (segundo Ballone (2008), aquelas com uma reação emocional não exagerada em relação a experiências vividas) percebem os seus animais de uma forma mais semelhante à sua própria personalidade, enquanto pessoas que possuem um maior desequilíbrio de personalidade dizem que os seus animais têm mais problemas de comportamento. Estes resultados podem ser explicados pelo facto de animais com tutores neuróticos mostrarem, de facto, mais sinais de problemas comportamentais (O'Farrel, 1997).

As evidências dos efeitos das atitudes do tutor no seu animal de estimação são escassas e algumas contraditórias, pelo que é necessária mais investigação, especialmente clínica. A área mais promissora parece ser a relação entre as atitudes do tutor e os comportamentos específicos em vez de gerais.

Com este estudo propõe-se fazer a caracterização do tutor e do animal que se apresentem a consultas de rotina e de comportamento. Para esses tutores, avalia-se o seu bem-estar psicológico através da escala DASS. Através disto pretende-se avaliar se existe ou não relação entre a ansiedade, stresse e depressão do tutor e a presença de problemas comportamentais no seu animal de companhia.

PARTE II

1 - MATERIAL E MÉTODOS

1.1 - METODOLOGIA DE RECOLHA DE DADOS

Com o objetivo de identificar se existe alguma relação entre a presença de problemas comportamentais no animal e a ansiedade, depressão e stresse do seu tutor, foi efetuado um questionário para ser preenchido por dois grupos distintos: o grupo de controlo constituído por tutores que se apresentaram à consulta de rotina/vacinação (na qual o animal não apresentava nem o tutor se queixava de qualquer sinal de doença ou problema comportamental) e o grupo de estudo em que os tutores que se apresentaram à consulta de “especialidade” de comportamento (havendo pelo menos uma queixa de problema comportamental e tendo sido previamente descartados quaisquer problemas médicos).

Foram recolhidos 78 questionários válidos. Destes, 52 (66,7%) são tutores de cães enquanto 26 (33,3%) de gatos. Relativamente aos problemas comportamentais, 45 (57,6%) dos tutores têm animais sem problemas de comportamento e 33 (42,3%) têm animais com problemas comportamentais.

Para os questionários do grupo de estudo foi pedida a colaboração de todos os médicos veterinários que realizavam consultas de “especialidade” de comportamento à data de Novembro de 2013, tendo apenas sido possível a colaboração do Dr. Gonçalo da Graça Pereira e da Dra. Ana Pereira, que realizaram os questionários aos tutores dos seus pacientes de Novembro de 2013 a Junho de 2015. Os questionários para o grupo de controlo foram realizados entre Novembro de 2013 e Maio de 2014 no Centro Veterinário de Berna (Lisboa) e no Hospital Veterinário Sul do Tejo (Barreiro), pela autora.

1.2 - QUESTIONÁRIO

O questionário utilizado (em Apêndice) foi elaborado especificamente para este estudo. Foi utilizada a versão portuguesa da DASS efetuada por A. Baptista, R. Santos, A. Silva & I. Baptista em 1999, para a avaliação da ansiedade, stresse e depressão do tutor.

Na primeira parte do questionário pretendia-se obter a caracterização do tutor (sexo, idade, distrito, estado civil, escolaridade, se tinha ou não ocupação profissional e se era tutor de cão ou gato) e do animal que se apresentava à consulta (género, estado fisiológico, idade, se apresentava problemas comportamentais ou não, se tinha contacto com crianças – e quais as suas idades, ambiente em que vivia, se tinha acesso ao exterior, área em que permanecia mais tempo e quantas horas ficava sozinho em casa). A segunda parte do questionário servia para determinar os níveis de ansiedade, stresse e depressão do tutor, através da escala DASS.

Foi realizada uma fase de pré-teste para avaliação do questionário, tendo este sido preenchido por 10 tutores em consultas de rotina no Centro Veterinário de Berna.

O questionário foi respondido de forma individual e anónima pelo tutor relativamente ao animal com que se apresentava à consulta, independentemente de possuir outros animais. Os questionários só eram considerados válidos se tivessem todos os campos preenchidos.

1.3 - ANÁLISE ESTATÍSTICA

Os dados foram analisados estatisticamente com recurso ao SPSS 21® para Microsoft Windows®, tendo sido utilizados o teste estatístico do Qui-Quadrado (χ^2) e teste t para amostras independentes (t), com um intervalo de confiança (IC) de 95% e um limiar para significância estatística definido com um *p-value* < 0.05.

2 - RESULTADOS

2.1 - CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Os problemas de comportamento mais descritos pelos tutores foram o medo de pessoas (15,4%, n=12), a hiperactividade (14,1%, n=11), comportamentos destrutivos, medo de barulhos e vocalização diurna excessiva (12,8% cada um, n=10). Seguem-se a eliminação inadequada (11,5%, n=9), a agressividade dirigida a animais da mesma casa e os comportamentos compulsivos (10,3% cada um, n=8), a agressividade dirigida a pessoas desconhecidas (9%, n=7) e a agressividade dirigida aos tutores (7,7%, n=6). Nos comportamentos menos descritos estão a agressividade dirigida a animais desconhecidos e a deambulação noturna pela casa (5,1% cada um, n=4), os comportamentos sexuais indesejados (3,8%, n=3) e a vocalização noturna excessiva (1,3%, n=1) (**Gráfico 1**). De notar que cada animal pode apresentar mais do que um problema comportamental, sendo as percentagens referentes à totalidade de animais do estudo (n=78).

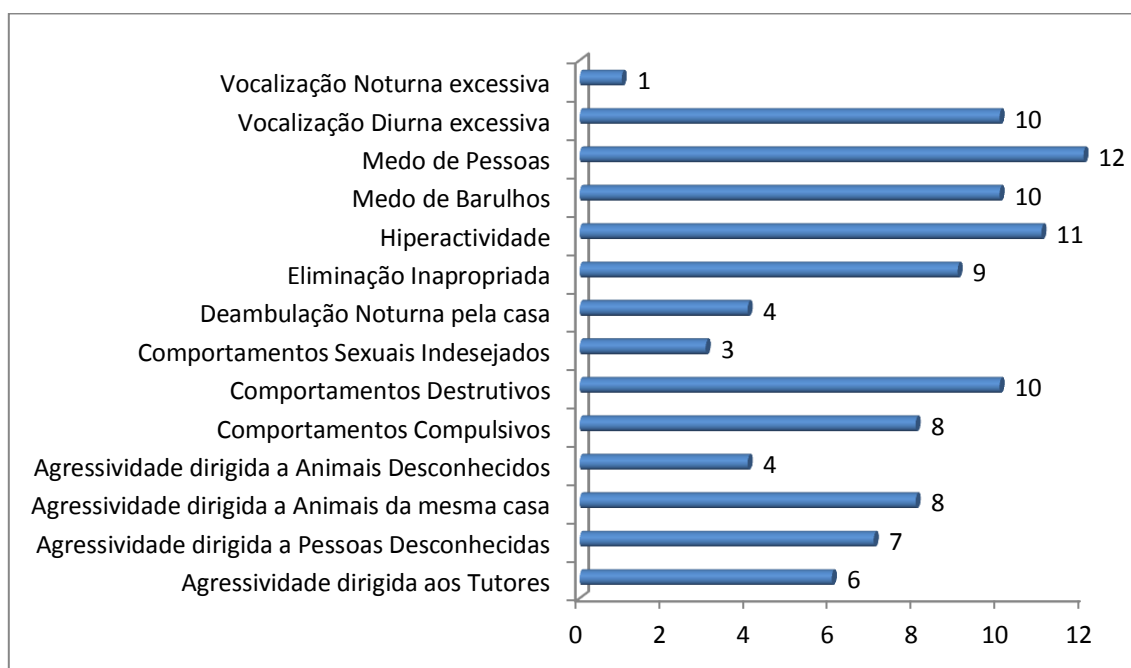


Gráfico 1 - Número de animais com os vários problemas de comportamento descritos

No **Gráfico 2** mostra-se a distribuição do número de questionários em cada grupo, não se tendo encontrado uma associação estatisticamente significativa ($p > 0.05$) entre as variáveis espécie do animal de companhia e presença de problemas comportamentais.

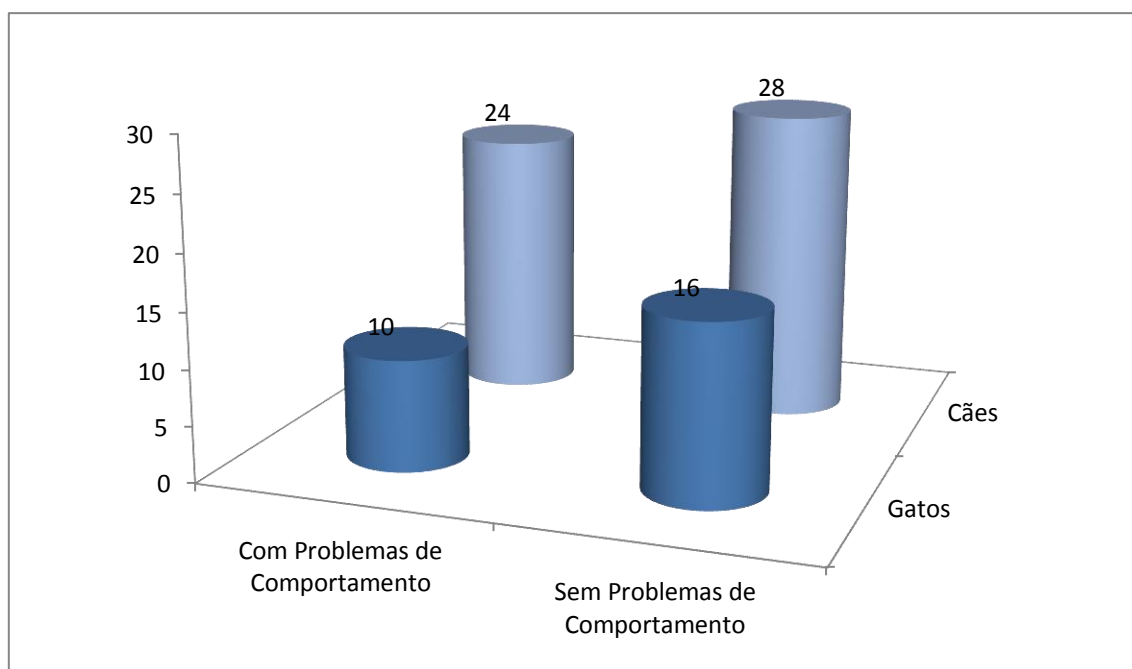


Gráfico 2 - Número de questionários válidos em cada grupo (estudo – com problemas de comportamento – e controlo – sem problemas de comportamento), incluindo a divisão entre cães e gatos

O distrito com maior número de repostas foi Lisboa. Setúbal e Faro tiveram alguma representação e Leiria apenas registou 1 questionário (**Gráfico 3**).

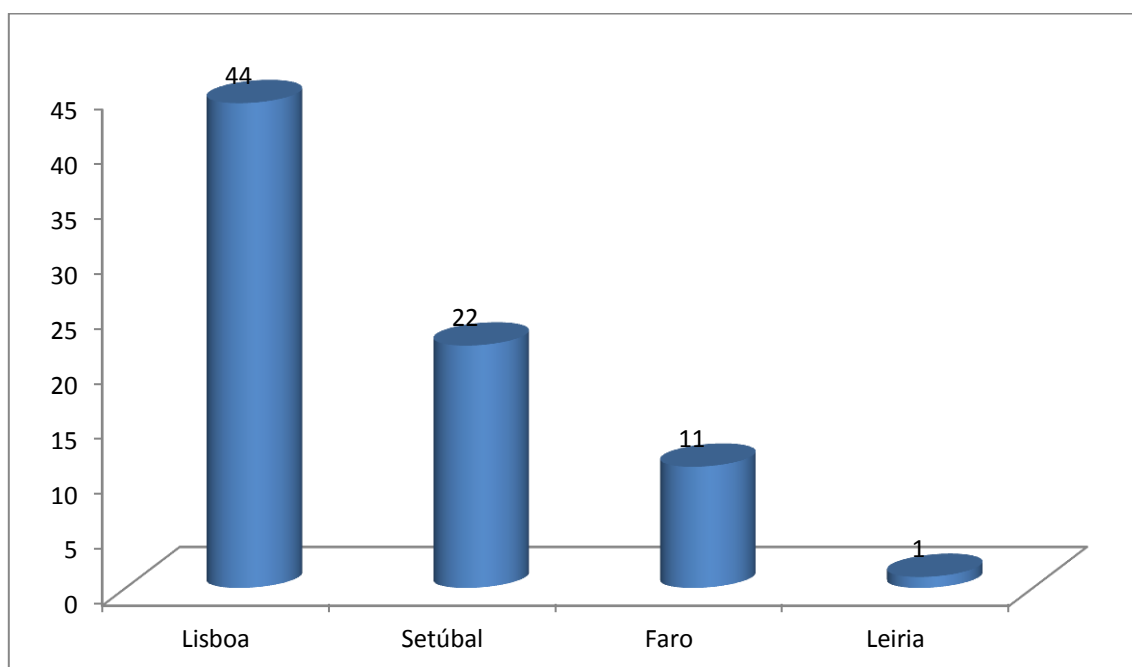


Gráfico 3 - Distribuição dos tutores por distrito

2.1.1 - CARACTERIZAÇÃO DO TUTOR

Dos 78 tutores questionados, 22 (28,2%) eram do sexo masculino e 56 (71,8%) do sexo feminino. Dos 22 tutores do sexo masculino, 15 (68,2%) tinham animais sem problemas de comportamento e apenas 7 (31,8%) possuíam animais com problemas comportamentais. Das 56 tutoras, 30 (53,6%) possuíam animais sem problemas de comportamento enquanto 26 (46,4%) possuíam animais que tinham problemas comportamentais. (**Gráfico 4**). Não se encontrou uma associação significativa entre o sexo do tutor e o animal possuir ou não problemas de comportamento ($\chi^2(1) = 1.727$; $p=.189$).

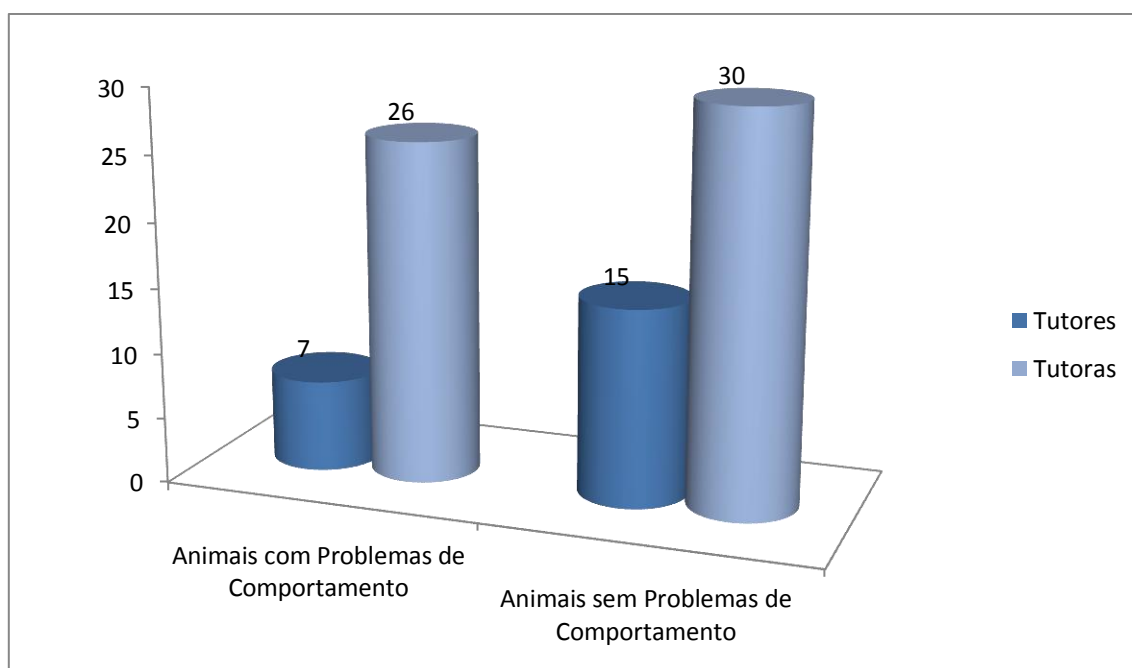


Gráfico 4 - Número de animais relativamente ao género do tutor e à presença de problemas de comportamento

Ambos os géneros questionados possuíam mais cães do que gatos: 6 (27,3%) dos tutores do sexo masculino possuíam gatos e 16 (72,7%) possuíam cães; 20 (35,7%) das tutoras possuíam gatos e 36 (64,3%) possuíam cães (**Gráfico 5**). Não foi encontrada qualquer associação significativa entre o sexo do tutor e a posse de gato ($\chi^2(1) = .087$; $p=.768$) ou cão ($\chi^2(1) = 2.066$; $p=.151$).

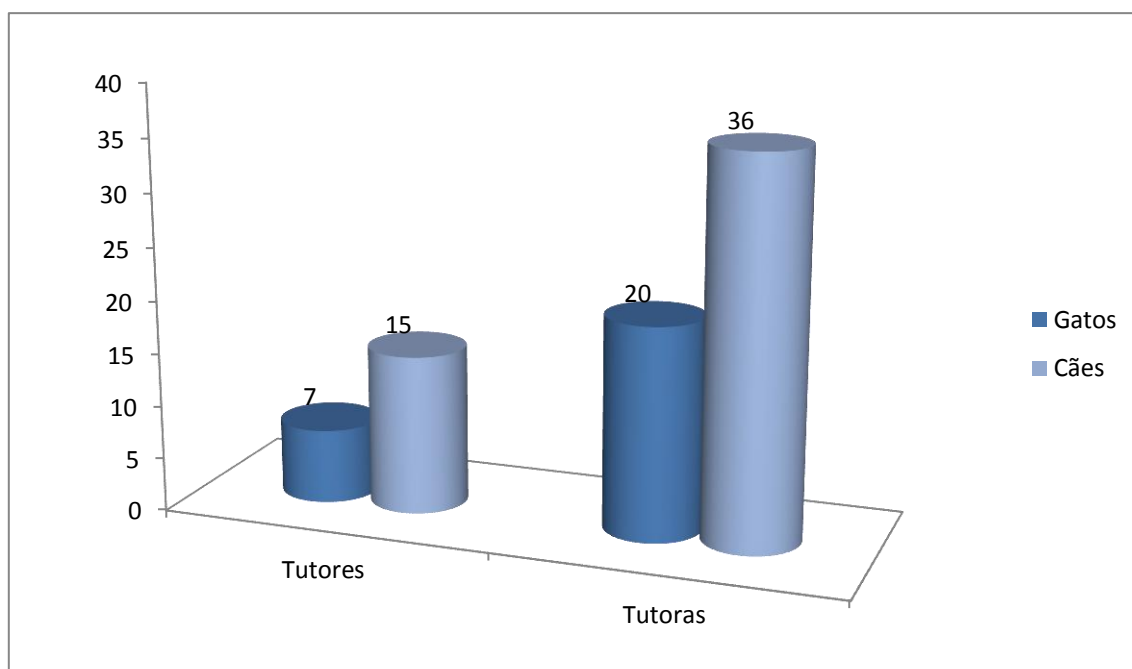


Gráfico 5 - Número de tutores (sexo masculino e feminino) em relação ao animal que possuem (cão ou gato)

Quanto à idade dos tutores, esta variou entre os 21 e os 87 anos, sendo a média de 42 anos. Não se encontrou uma associação significativa entre a idade do tutor e a presença ou não de problemas comportamentais no animal ($t(76) = .262; p = .821$).

No **Gráfico 6** pode ver-se a distribuição do estado civil dos tutores: 34,6% ($n=27$) são solteiros, 15,4% ($n=12$) vivem em união de facto, 43,6% ($n=34$) são casados, 5,1% ($n=4$) são divorciados e 1,3% ($n=1$) são viúvos. Existe uma associação significativa entre o estado civil do tutor e a posse de um animal com problemas de comportamento ($\chi^2(4) = 9.681; p = .046$). Assim, existem menos tutores que vivem em união de facto e que possuem animais com problemas de comportamento, enquanto um maior número de tutores casados apresentam animais com problemas comportamentais.

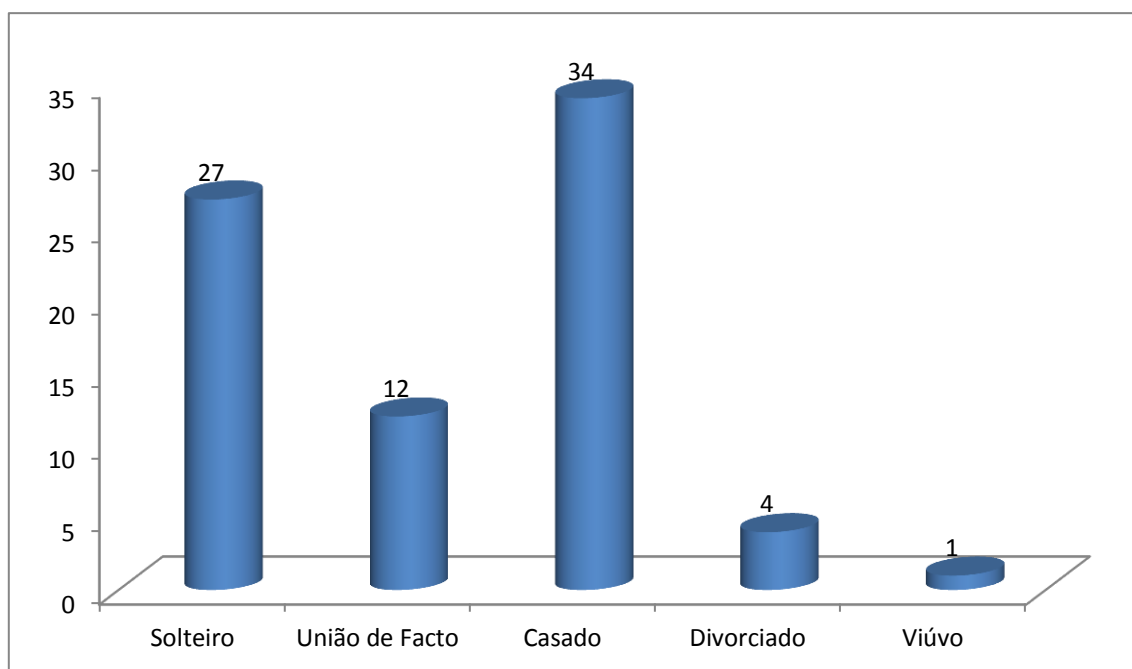


Gráfico 6 - Distribuição do estado civil dos tutores.

Grande parte dos tutores (44,9%, n=35) possui uma licenciatura, seguido do ensino secundário (30,8%, n=24) (**Gráfico 7**).

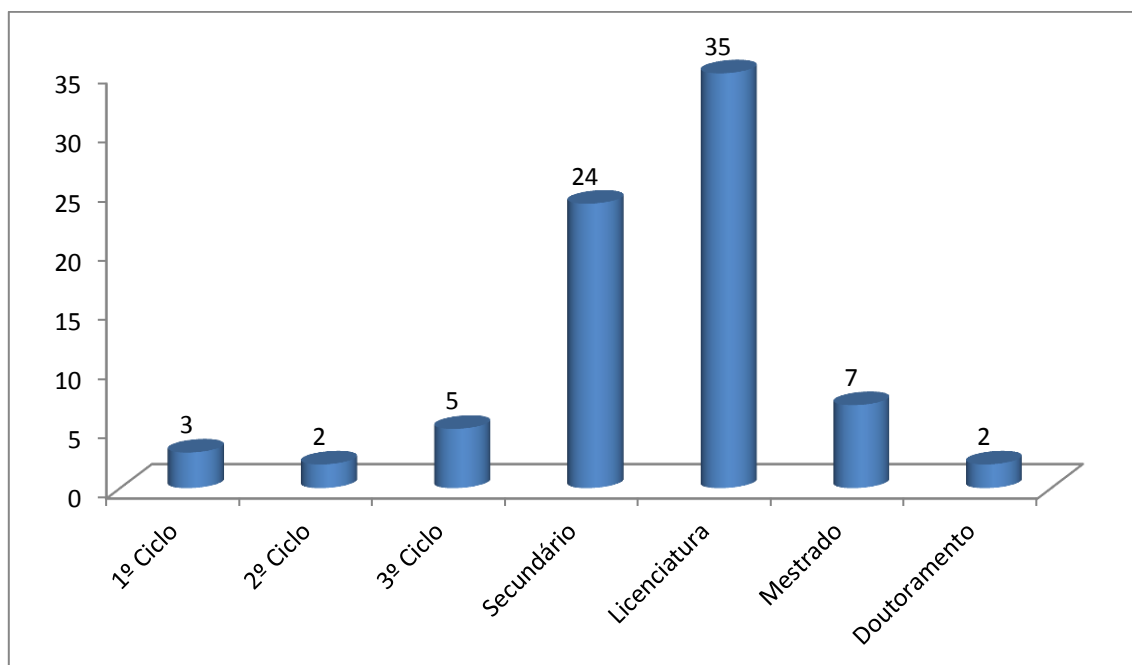


Gráfico 7 - Distribuição da escolaridade dos tutores

No **Gráfico 8** pode observar-se que a maioria dos tutores (65,4%, n=51) está empregada e que apenas 34,6% (n=27) não tem ocupação profissional. No entanto, não foi observada associação significativa entre a posse de um animal com problemas de comportamento e o facto de o tutor estar empregado ou não ($\chi^2(1) = .349$; $p = .555$).

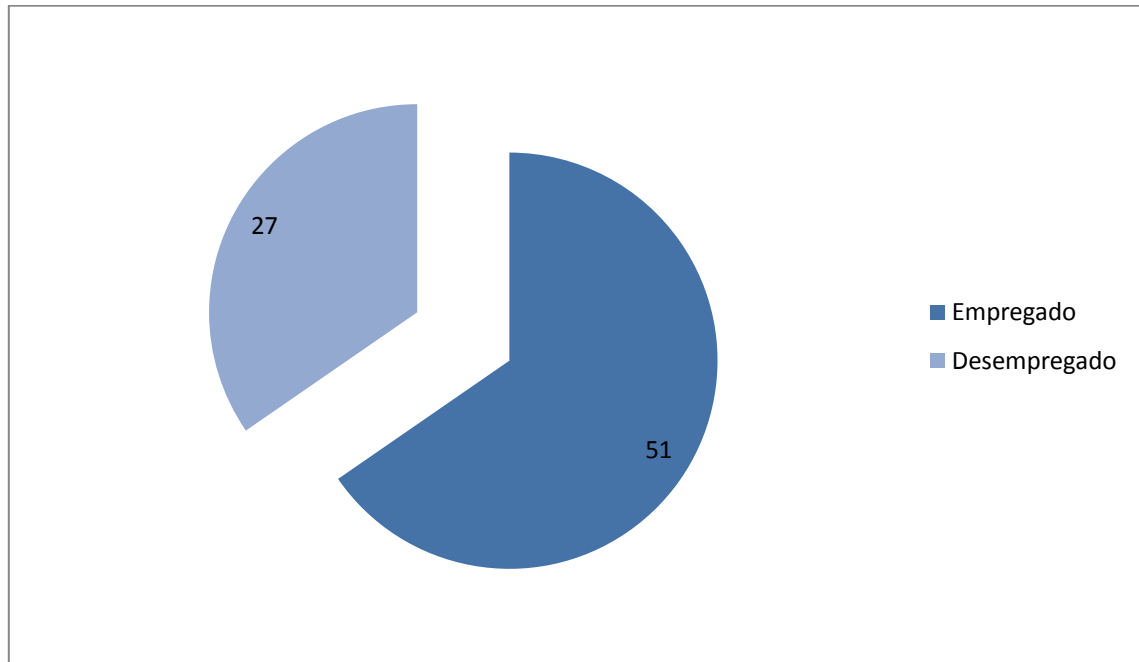


Gráfico 8 - Número de tutores empregados e desempregados

2.1.2 - CARACTERIZAÇÃO DO ANIMAL

Relativamente ao sexo dos animais, no **Gráfico 9** observou-se que 65,4% (n=51) são machos e 34,6% (n=27) são fêmeas, não tendo sido encontrada uma associação significativa entre o sexo do animal e a sua espécie ($\chi^2(1) = .002$; $p = .962$) para cães e ($\chi^2(1) = 1.706$; $p = .191$) para gatos. Também não foi encontrada associação significativa entre o sexo do animal e a posse de problemas de comportamento ($\chi^2(1) = .721$; $p = .396$).

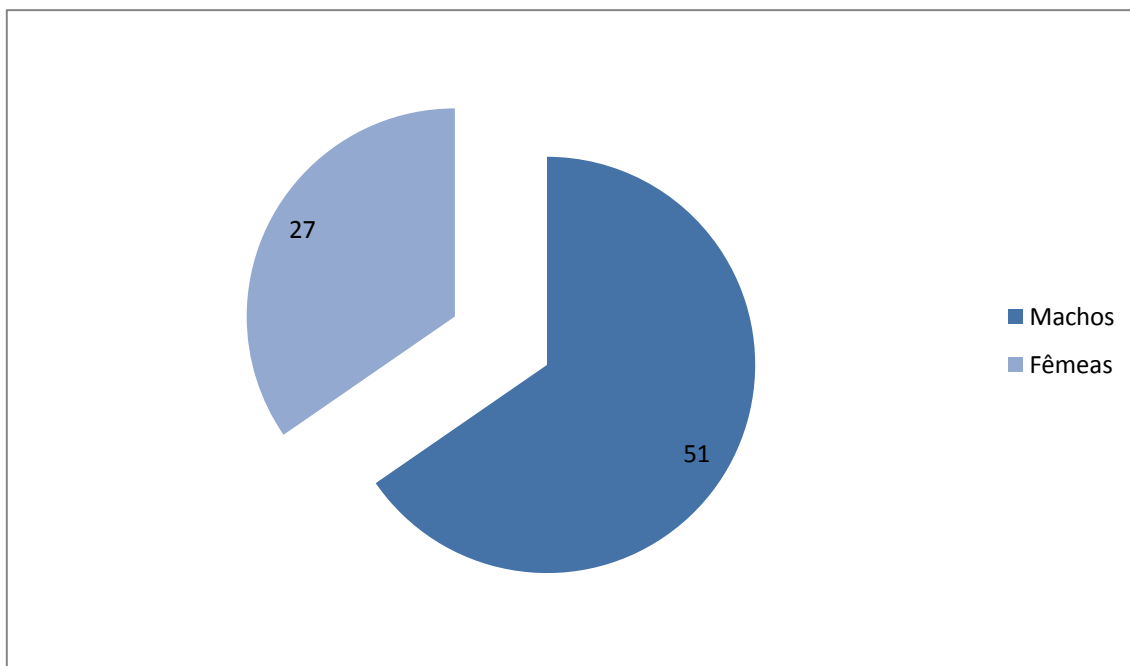


Gráfico 9 - Número de machos e fêmeas presentes no estudo

Quanto ao estado reprodutivo, pouco menos de metade dos animais (42,3%, n=33) é esterilizada/castrada e 57,7% (n=45) não o são, como representado no **Gráfico 10**. Foi encontrada uma associação significativa entre o estado reprodutivo do animal e a presença de problemas comportamentais ($\chi^2 (1) = 9.348$; $p=.002$), existindo um maior número de animais castrados com problemas de comportamento. Se se analisar separadamente cães e gatos, apenas foi encontrada associação significativa entre os cães castrados e a existência de problemas de comportamento ($\chi^2 (1) = 7.528$; $p=.006$). No caso dos gatos não foi encontrada associação ($\chi^2 (1) = 3.313$; $p=.069$).

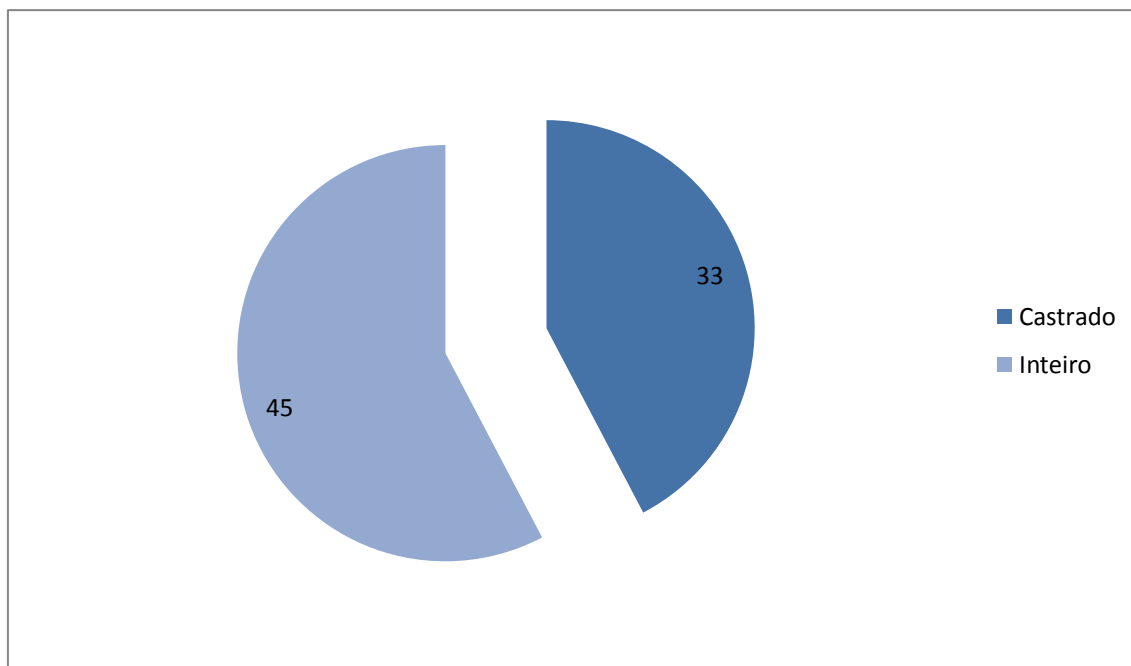


Gráfico 10 - Estado reprodutivo dos animais

Quanto à idade dos animais, esta variava entre os 2 meses e os 14 anos, sendo o valor médio igual a 3,7 anos de idade. Verificou-se uma associação significativa entre a idade do animal e a presença de problemas de comportamento ($t(76) = -2.157; p=.035$). Assim, tendo em conta as médias das idades, os animais com problemas de comportamento ($\bar{x}=2.879$ e $\sigma = 1.775$) são mais novos do que os animais sem problemas comportamentais ($\bar{x}= 4.359$ e $\sigma = 4.078$). Feita a mesma análise somente para gatos, não se observou associação significativa ($t(24) = .153; p=.879$), mas feita a mesma unicamente para cães já foi observada uma associação significativa entre a idade do cão e a existência de problemas de comportamento ($t(50) = -2.888; p=.006$).

2.1.3 - CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE EM QUE O ANIMAL VIVE

Relativamente ao ambiente onde vivem, 78,2% (n=61) dos animais vivem em ambiente urbano e 21,8% (n=17) em ambiente rural (**Gráfico 11**). Não foi encontrada associação significativa entre o ambiente em que o animal vive e a presença de problemas de comportamento ($\chi^2(1) = .106; p=.744$).

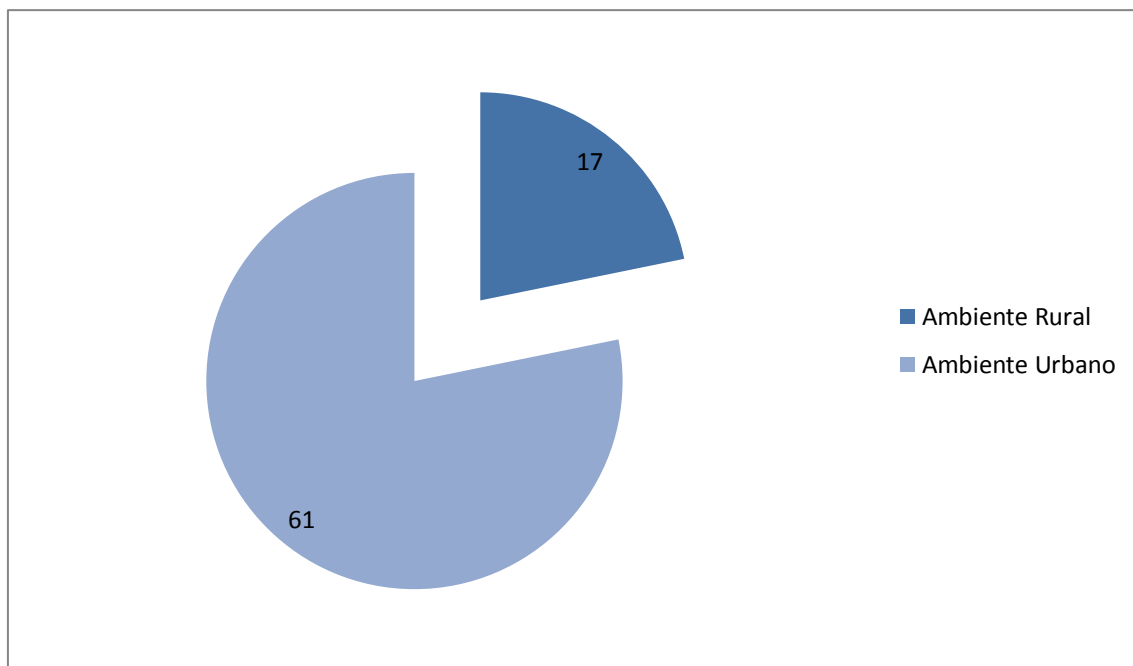


Gráfico 11 - Número de animais relativamente ao ambiente em que vivem

No **Gráfico 12** verifica-se que 57,7% (n=45) dos animais tem acesso ao exterior, enquanto que 42,3% (n=33) não têm, não existindo associação significativa entre este fator e a presença de problemas comportamentais ($\chi^2(1) = 2.792$; $p=.095$).

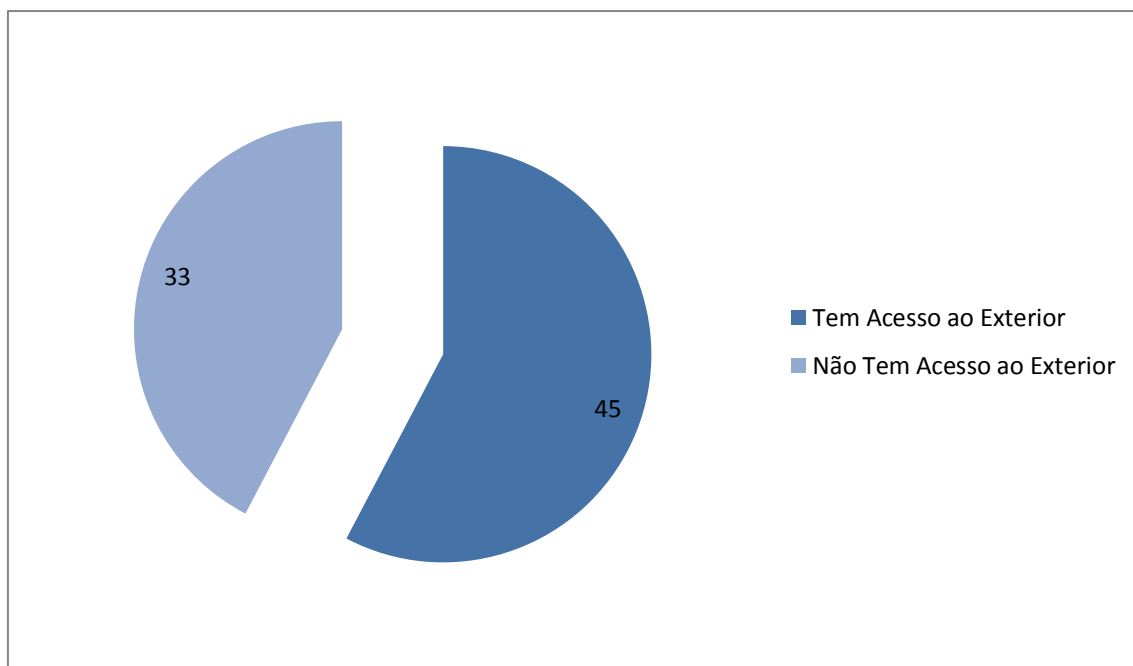


Gráfico 12 - Número de animais com e sem acesso ao exterior

Dos animais que têm acesso ao exterior, 79,5% (n=62) permanece mais tempo no interior da habitação e 20,5% (n=16) passa mais tempo no exterior (**Gráfico 13**). Não foram encontrados resultados significativos ($p > 0.05$) para esta variável e a presença de problemas de comportamento.

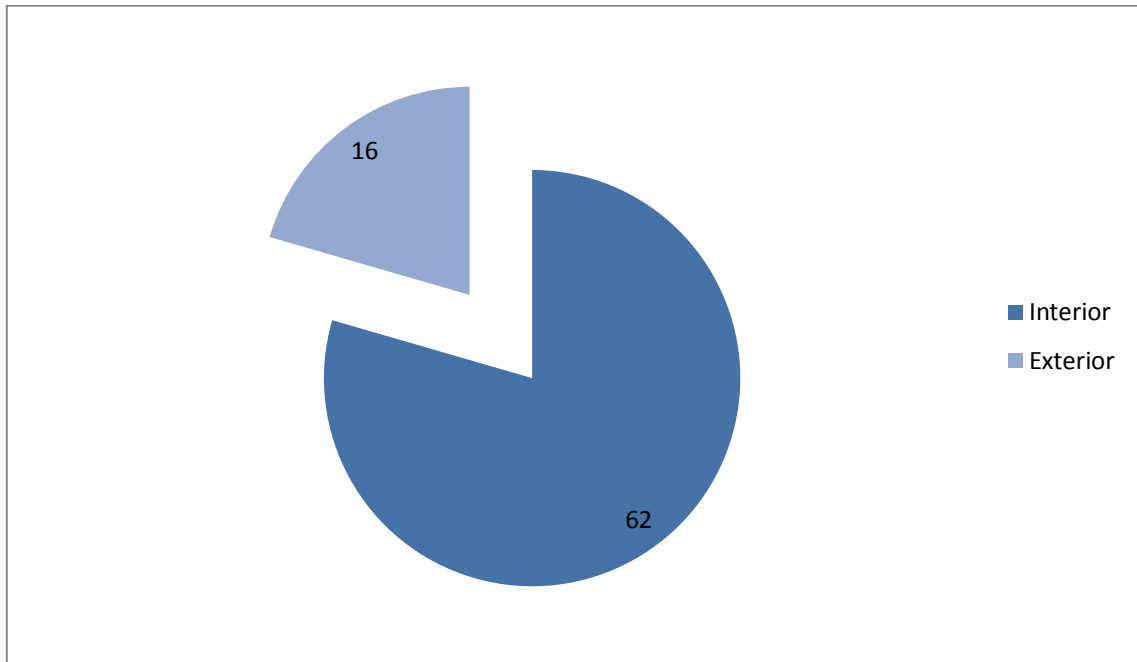


Gráfico 13 - Distribuição dos animais segundo o local onde passam mais tempo

O número de horas que cada animal passa sozinho variou entre 0 e 12 horas, sendo que a média foi de 5,4 horas. Não se observou diferença entre o número de horas que o animal passa sozinho e o facto de possuir problemas de comportamento ($t(76) = .003$; $p = .997$).

Apenas 7,7% dos animais tem convivência com crianças na sua habitação, sendo que os restantes 92,3% não vivem com crianças, como representado no **Gráfico 14**. A idade das crianças estava compreendida entre os 4 e os 11 anos, sendo que a média era de 8,2 anos de idade. Não foi encontrada qualquer associação significativa entre a presença de problemas de comportamento e a convivência com crianças ($\chi^2(1) = .109$; $p = .742$).

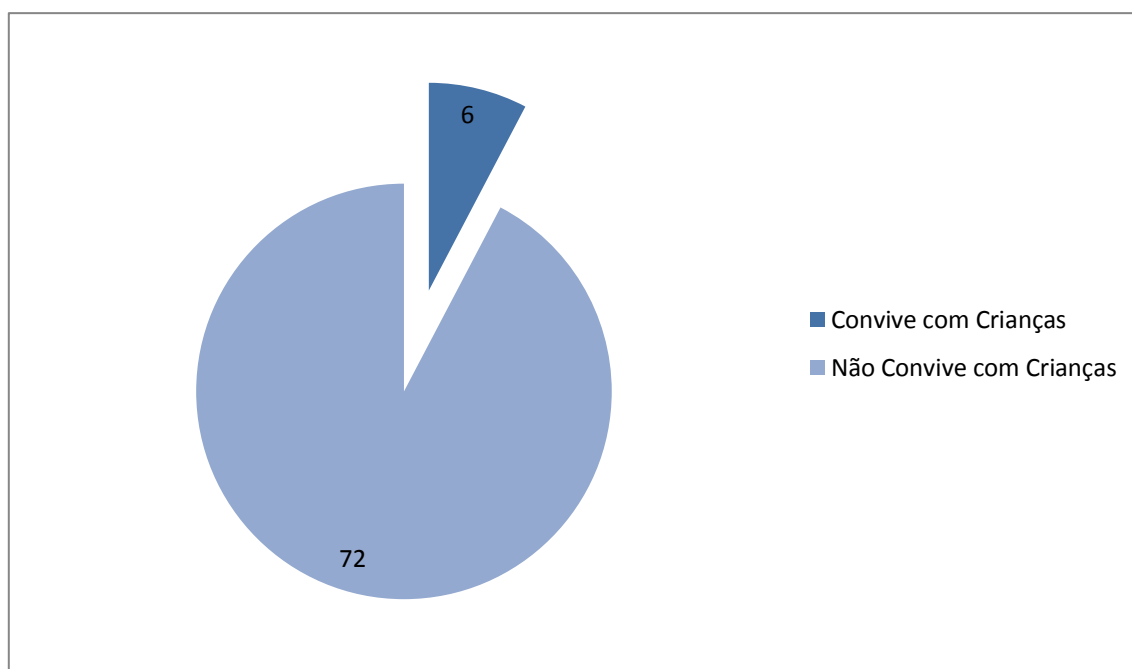


Gráfico 14 - Número de animais que convivem com crianças na mesma habitação

2.2 - RESULTADOS DASS

Após análise dos resultados obtidos na DASS, observou-se que tutores de animais com problemas comportamentais ($\bar{x}$ =10.941 e σ =7.592) quando comparados com tutores de animais sem problemas comportamentais ($\bar{x}$ =7.500 e σ =6.014) têm níveis de stresse mais elevados ($t(76) = 2.235$; $p=.028$). Também se verificou uma tendência para significância estatística de tutores de gatos possuírem valores de stresse ($\bar{x}$ =11.077 e σ =7.059) e ansiedade ($\bar{x}$ =1.846 e σ =1.974) mais elevados, quando comparados com os tutores de cães para os mesmos parâmetros, i.e., stresse ($\bar{x}$ =7.962 e σ =6.672) e ansiedade ($\bar{x}$ =1.000 e σ =1.633), ($t(76) = -1.907$; $p=.060$ e $t(76) = -2.010$; $p=.048$, respectivamente para cada parâmetro).

Efetuada uma análise fatorial recorrendo a um teste ANOVA fatorial, representado no **Gráfico 15**, foi encontrado um efeito de interação entre problemas de comportamento e o estado reprodutivo do animal para a variável depressão $F(3,77) = 4.200$; $p=.044$). Isto significa que tutores de animais com problemas de comportamento e castrados têm níveis de significância mais elevados de depressão do que os tutores que possuem animais castrados mas sem problemas de comportamento. Para os tutores de animais esterilizados e com problemas de comportamento, a média de

depressão mais elevada foi de 6.905 ($\sigma = 8.203$) e para os tutores de animais esterilizados mas sem problemas de comportamento, a média de depressão mais baixa foi de 2.333 ($\sigma = 3.652$).

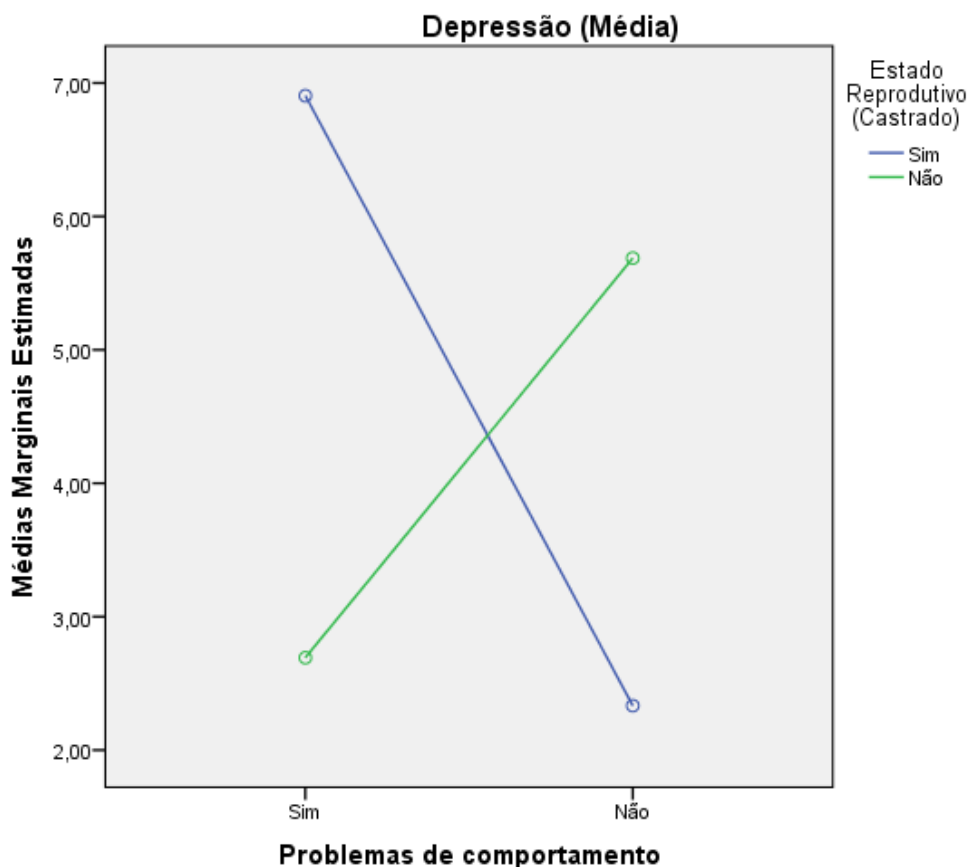


Gráfico 15 – Efeito de interação entre problemas comportamentais e estado reprodutivo co animal para a variável depressão

Os tutores que estão empregados possuem níveis mais baixos de depressão do que os que estão desempregados ($t(76) = -2.417$; $p = .018$).

3 - DISCUSSÃO

Foi encontrada uma significância estatística entre a idade dos animais e a presença de problemas de comportamento. Assim, animais com problemas de comportamento são, em média, mais novos que os animais que não possuem problemas comportamentais. A hiperatividade, comportamentos destrutivos, vocalização diurna excessiva e eliminação inadequada foram dos comportamentos mais descritos pelos tutores, o que é de esperar que aconteça em animais mais jovens (mais enérgicos e brincalhões, destrutivos com brinquedos, vocalizações como brincadeira e eliminação inadequada como falha no treino). Estes podem também ser sinais de que o animal sofre de AS (Parthasarathy & Crowell-Davis, 2006), pois a AS devido ao hiperapego primário manifesta-se em animais mais jovens. Outra explicação pode ser que tutores de cães mais jovens estejam mais atentos a problemas comportamentais no início de vida do seu animal e procurem ajuda logo que surjam os problemas. O comportamento dos animais mais velhos é mais facilmente aceite ou tolerado, ou então os animais são eutanasiados/ abandonados/ entregues antes de atingirem uma idade mais avançada.

Pouco mais de metade dos animais do estudo não era castrada (57,7%, n=33) e foi encontrada uma significância estatística entre o estado reprodutivo dos cães e a presença de problemas de comportamento. A maioria dos gatos do estudo (63%, n=17) é castrada, sendo a amostra de gatos inteiros pequena e não permitindo tirar conclusões relativamente a esta espécie. Assim, poder-se-ia concluir que há mais cães castrados com problemas de comportamento.

No entanto, este resultado deverá ser cuidadosamente analisado pois estes animais castrados poderiam já ter comportamentos deslocados antes da cirurgia. Isto porque esta prática ainda é recomendada e efetuada por alguns médicos veterinários como uma abordagem ou forma de tratamento da agressividade nos cães (Carvalho, 2012). No entanto, há estudos que não detetaram diferenças entre o estado reprodutivo do animal e a presença de agressividade (Bennet e Rohlf, 2007). Também Podberscek & Serpell (1996) demonstraram o mesmo. Ou seja, quando retiraram do seu grupo de estudo os animais que foram castrados por motivos de agressividade, o efeito da castração deixou de se notar em machos mas manteve-se para as fêmeas. É importante não esquecer que, de facto, a castração reduz drasticamente a concentração de hormonas sexuais na circulação sanguínea, mas não são apenas estas que estão implicadas no comportamento

agressivo. Por isso, deverá também ser avaliado qual o comportamento do animal antes da cirurgia, o ambiente em que vive, as técnicas de treino usadas, onde decorreu o período sensível (sociabilização), entre outros tantos fatores que fazem parte das possíveis causas multifatoriais da agressividade. Assim, não se pode esperar que a castração reduza ou elimine o comportamento agressivo em todos os cães (O’Heare, 2006).

A hipótese que foi previamente mencionada sobre a castração ser utilizada como uma abordagem para a resolução de muitos problemas comportamentais é ainda reforçada quando ao ser analisada a escala DASS, onde foi encontrada significância estatística quanto aos níveis de depressão. Estes são mais elevados em tutores de animais castrados e com problemas de comportamento quando comparados com tutores que possuem animais esterilizados mas sem problemas de comportamento. Ou seja, quando a castração não funciona, os tutores sentem-se mais frustrados e com um sentimento de incapacidade para resolver o problema que contribuirá para o nível de depressão.

Os problemas de comportamento são muito mais do que agressividade (Jagoe & Serpell, 1996; Wells & Hepper, 2000). Entre os problemas comportamentais mais detetados neste estudo estão a hiperactividade, comportamentos destrutivos e vocalização diurna excessiva. A castração pode também ter sido uma tentativa de “acalmar” o animal, pois o seu metabolismo tende a diminuir, tornando-o menos ativo (Lund et al., 2006). Segundo Reichler (2008), este facto nem sempre acontece, pois depende também da dieta e atividade física do animal.

Analisando o perfil do tutor, a grande maioria (71,8%, n=56) eram mulheres. Segundo o Censos 2011, Portugal tem mais mulheres (52,2%) do que homens. Há também estudos que indicam que as mulheres são mais predispostas a cuidar, ajudar e acarinharem membros da família, na qual cães e gatos se têm tornado parte integrante, de acordo com o conceito atual de família multi-espécie (Faraco, 2003; Dotti, 2005). Não tendo sido encontrados estudos sobre a quantidade de animais cujos tutores são homens ou mulheres, este resultado pode dever-se ao facto de serem as mulheres que normalmente acompanham o animal às consultas, ou serem estas as que mostraram mais empatia e disponibilidade para participar no estudo. Isto é visível no grupo dos animais com problemas de comportamento, em que 78,8% (n=56) dos tutores são mulheres e apenas 21,2% (n=22) homens. Possivelmente por esta diferença de amostragem ser re-

duzida, não foi encontrada associação significativa entre o sexo do tutor e a existência de problemas de comportamento no animal. No entanto, ambos os sexos possuíam mais cães do que gatos (66,7% (n=51) e 33,3% (n=27), respetivamente). Não foram encontrados estudos referentes a Portugal, mas estes dados estão de acordo com um estudo recente no Brasil que revelou que a população canina supera em mais de metade a felina (Lisboa, 2015). Também no Reino Unido, segundo o *The Telegraph* (2015), os cães são agora mais populares que os gatos (pela primeira vez em 20 anos). Contudo, não foi encontrada qualquer associação significativa entre o sexo do tutor e a posse de gato ou cão.

Também não foi encontrada associação significativa entre a idade do tutor e o animal ter ou não problemas de comportamento. Isto pode dever-se à pequena amostra conseguida, pois com um intervalo entre os 21 e os 87 anos, os 78 questionários são poucos para se ter uma amostra significativa.

Lisboa foi o distrito mais representado, possivelmente por ser o maior centro urbano, mas também por grande parte dos questionários recolhidos terem sido em consultas de referência de medicina comportamental do orientador deste trabalho. Esta poderá ter sido a razão para não ter sido encontrada qualquer associação significativa entre o distrito em que o animal vive e a presença de problemas de comportamento.

Relativamente ao local onde vivem e onde passam mais tempo, não foi encontrada qualquer significância estatística entre habitar numa zona rural (21,8%, n=17) ou urbana (78,2%, n=61) ou ter acesso ao exterior (57,7%, n=45) ou não (42,3%, n=33) com a presença de problemas comportamentais. Seria de esperar, tal como indica Duarte (2009), que animais confinados ao interior tivessem menos estímulos sensoriais, e daí poderem advir algumas estereotipias ou problemas comportamentais. No entanto, não foram recolhidos dados sobre a presença de brinquedos para os animais ou de quanto tempo são os acessos ao exterior nos passeios, o que poderia levar, juntamente com uma maior amostra, a dados estatísticos mais interessantes.

Relativamente ao estado civil do tutor, observou-se uma associação estatisticamente significativa. Há mais casais (casados) com animais com problemas comportamentais, comparando com os casais em união de facto. Para se perceber melhor este resultado seria interessante em futuros estudos recolherem-se também dados como a duração do casamento/união de facto, se viviam juntos antes do casamento, há quanto

tempo tinham o animal e se este veio de um dos tutores ou se foi adquirido após o casamento/união.

Não foi encontrada significância estatística entre a convivência com crianças e a presença de problemas de comportamento. Contudo, apenas 7,7% (n=6) dos animais do estudo tinham contacto com crianças na sua habitação, o que é uma amostra pequena para resultados estatisticamente relevantes.

Quanto ao nível de escolaridade, 87,2% (n=68) dos tutores, possuem, pelo menos, o ensino secundário. Possivelmente pela dimensão da amostra e dos grupos, não foi encontrada associação estatística entre o nível de escolaridade do tutor e a presença de problemas comportamentais no animal de companhia.

A maioria dos tutores questionados (65,4%, n=51) está empregada e verificou-se que estes possuem níveis mais baixos de depressão do que os tutores que estão desempregados. Este resultado está de acordo com o estudo realizado por Vieira (2014) que verificou que os desempregados apresentam maior sintomatologia depressiva. O que é compreensível, pois o desemprego causa deterioração do bem-estar psicológico (Argolo & Araújo, 2004). Assim sendo, e uma vez que o facto de estar desempregado é um fator desencadeador de níveis elevados de depressão, seria expetável que se encontrasse alguma relação significativa com a presença de problemas de comportamento no animal. No entanto, esta poderá não ter sido encontrada pelas dimensões da amostra e grupos em análise.

Relativamente aos animais, neste estudo participaram mais tutores de machos (65,4%, n=51) do que de fêmeas (34,6%, n=27), podendo ser o motivo para não terem sido encontradas significâncias estatísticas entre o sexo do animal e a sua espécie nem a posse de problemas de comportamento.

Os animais do estudo passam, em média, 5,4 horas sozinhos em casa. Não foi encontrada significância estatística entre o tempo que passam sozinhos e a presença de problemas de comportamento. Sendo animais sociáveis, seria de esperar que cães e gatos que passam muito tempo sozinhos estivessem mais afetados com stresse ou ansiedade sobretudo se viverem num ambiente hipoestimulante. No entanto, a média de tempo que passam sozinhos, neste estudo, não é muito elevada, apesar de ser expetável que, para um tutor que trabalhe 8h, ficando o seu animal sozinho durante aproximada-

mente 10h, esse animal terá, mais cedo ou mais tarde, algum problema de comportamento. Contudo, quando se menciona que os animais ficam “sozinhos”, está-se a considerar que o tutor está ausente, não tendo sido contabilizada a presença de outros animais em casa, o que poderia levar a diferenças no resultado deste estudo.

Relativamente à tendência analisada para os tutores de gatos possuírem níveis de stresse e ansiedade mais elevados do que os donos de cães, esta pode dever-se ao estilo de vida próprio do tutor. Tendo uma vida mais preenchida, com trabalhos mais exigentes, o tutor pode optar por possuir um gato, que é conhecido por ser um animal mais independente e não necessitar, por exemplo, de passeios. Por outro lado, os tutores de cães, facilitadores sociais durante o passeio (Pachana, 2011), fazem com que haja uma redução do stresse e ansiedade devido a este fator.

Apesar do período de recolha de dados ter sido relativamente longo (aproximadamente 19 meses), a amostra revelou-se diminuta para a obtenção de resultados estatísticos mais robustos, apesar das importantes associações com significância estatística encontradas. A principal barreira para uma amostragem com maior número poderá ter sido a falta de colaboração dos tutores, ao sentirem-se avaliados na escala DASS (mesmo com o anonimato assegurado), mas também devido ao facto dos veterinários que recebem consultas de referência de problemas de comportamento frequentemente se esquecerem de entregar o questionário na consulta. Por outras palavras, muitos dos tutores aos quais foi pedida colaboração no preenchimento do questionário não se mostraram disponíveis para o fazer, tanto no grupo de controlo como no grupo de estudo. Neste último grupo a amostra foi pequena, não apenas pelo esquecimento dos veterinários, mas sobretudo por ainda não haver muita casuística desta especialidade. São ainda poucos os tutores que reconhecem os problemas comportamentais, e que recorrem à consulta de medicina comportamental para diagnóstico e tratamento. Ainda assim, verifica-se que há mais casos referenciados de cães do que de gatos, talvez por estes últimos serem mais subtis na manifestação de problemas comportamentais, sendo que quando o tutor procura a especialidade a situação já se encontra num estado bastante avançado da doença.

Ainda assim, mesmo nos questionários respondidos e incluídos na amostra dever-se-á ter em conta que os tutores que responderam pudessem ter omitido, propositamente ou não, determinadas informações ou comportamentos (por vergonha, desvalo-

rização ou desconhecimento). Assim, é necessário ser-se prudente da interpretação dos resultados.

Neste estudo demonstrou-se assim que os animais com problemas comportamentais possuem tutores com níveis de stresse mais elevados, o que não é surpreendente, visto que todos os problemas de comportamento do animal afetam a vida do seu tutor. Como descrito anteriormente, O'Farrel (1997) mostrou que o grau de ansiedade do tutor estava significativamente correlacionada com atividades deslocadas do seu animal e animais com tutores neuróticos mostram mais sinais de problemas comportamentais.

CONCLUSÃO

Os problemas comportamentais mais referidos pelos tutores foram o medo de pessoas, a hiperatividade, os comportamentos destrutivos, o medo de barulhos e a vocalização diurna excessiva.

Constatou-se que os animais com problemas de comportamento possuem tutores com níveis de stresse mais elevados e tutores de animais esterilizados e com problemas comportamentais têm níveis de depressão mais altos. Verificou-se ainda que há mais tutores casados com animais com problemas de comportamento e que estes animais são maioritariamente castrados e mais jovens. Existe ainda uma tendência para tutores de gatos serem mais stressados do que tutores de cães.

A amostra deste estudo é pouco expressiva para obter mais resultados estatisticamente significativos. Seria interessante fazer este estudo a nível nacional onde, certamente, se iriam encontrar mais resultados. Seria também interessante conseguir mais gatos para a amostra (e alargar o estudo a outros animais de companhia como coelhos, tartarugas, peixes ou canários), podendo vir a revelar diferenças entre as espécies relativamente ao tutor.

No questionário para um próximo estudo deverão ser incluídas mais questões relativamente ao tutor, nomeadamente no que se refere ao seu estado civil (por exemplo, há quanto tempo está casado ou vive junto), mas também relativamente aos animais, por exemplo, se têm acesso a brinquedos, qual a frequência de passeios e quantos animais existem na casa. Para se abranger mais animais no estudo, em vez da resposta à pergunta “o seu animal apresenta problemas de comportamento?” ser sim ou não, poderia colocar-se uma escala de intensidade/frequência e assim verificar se os animais apresentados a consultas de comportamento são os que, de facto possuem mais problemas comportamentais.

Há cada vez mais estudos referentes à ligação do Homem com os animais, mas poucos são os que são realizados tendo em conta o ponto de vista do animal. Sendo este um estudo pioneiro realizado, tanto em Portugal, como no resto do mundo, não foram encontradas referências para comparação. Assim, face ao exposto sugere-se que sejam realizados mais estudos a este nível, para assim se puder compreender melhor a relação que temos com as outras espécies e os efeitos que esta tem em cada uma delas.

BIBLIOGRAFIA

- Acha, P. & Szyfres, B. (1980). *Zoonoses and communicable diseases common to man and animals*. Pan American Health Organization. Washington D.C.
- Anderline, G. (2009). *Cão-guia, muito mais do que uma companhia: uma profissão*. Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária, v.15, n. 47.
- Appleby, D. & Pluijmakers, J. (2003). *Separation Anxiety in Dogs: the function of homeostasis in its development and treatment*. Veterinary Clinics of North America Small Animal Practice, v.33, n. 2.
- Ballone, G. (2008). *Perguntas mais frequentes – Neuroses*. Acedido em 5 Janeiro 2015 em: www.psiqweb.med.br/site/
- Bampi, G. (2014). *Síndrome de ansiedade por separação em cães*. Tese de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Beerda, B. & Schilder, M. (1997). *Manifestations of chronic and acute stress in dogs*. In: Van Hooff, A. & De Vries, H. *Applied Animal Behaviour Science*, v.52, n.307.
- Bennett, P. & Rohlf, V. (2007). *Owner-companion dog interactions: Relationships between demographic variables, potentially problematic behaviours, training engagement and shared activities*. Applied Animal Behaviour Science, v.102, n.65.
- Bernstein, P. & Friedmann, E. (2014). *Social behaviour of domestic cats in the human home*. In: Bateson T. & Bateson P. *The Domestic Cat: The Biology Of Its Behaviour*. Cambridge University Press, v.3.
- Berzins, M. (2000). *Velhos, cães e gatos: interpretação de uma relação*, Dissertação de Mestrado em Gerontologia. São Paulo.
- Bretherton, I. (1992). *The origins of attachment theory*, Developmental Psychology, v.28.
- Cardoso, S. (2013). *Causas de Renúncia de cães e gatos nos concelhos de Cascais e Sintra*, Dissertação de Tese de Mestrado em Medicina Veterinária, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

- Carvalho, J. (2012). *Esterilização em cães – Influência clínica e comportamental*. Dissertação de Tese de Mestrado em Medicina Veterinária, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- Censos 2011, acessado a 12 Agosto 2015 em:
http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos2011_apresentacao&xpid=CENSOS
- Coppola, C., Grandin, T. & Enns, R. (2006). *Human interaction and cortisol: Can human contact reduce stress for shelter dogs?*, Elsevier.
- Costa, A. (2015). *Mudanças de Comportamento em cães podem revelar doenças nos donos*, Revista Veterinária Actual.
- Cruz, M. (2012). *Epidemiologia de problemas comportamentais em cães e gatos em Portugal*. Relatório final de estágio - Mestrado Integrado em Medicina Veterinária. Porto.
- Driscoll C. *et al.* (2007). The Near Eastern Origin of Cat Domestication. Revista Science n.317.
- Dotti, J. (2005). *Terapia e Animais*. PC Editoriais. São Paulo.
- Duarte, B. (2009). *Cachorro cansado é cachorro feliz*. Acessado a 10 Junho 2015 em:
<http://www.lordcao.com/lcn034.htm>
- Edwards, C. *et al.* (2007). *Experimental Evaluation of attachment behaviors in owned cats*. Journal of Veterinary Behavior.
- Faraco, C. (2009). *Um mundo algo mais que humano: as novas configurações sociais*. 73 Oficina. São Paulo.
- Fatemi, S. & Clayton, P. (2008). *The Medical basis of Psychiatry* (3rd Ed). Humana Press.
- Ferreira, F. (2009). *Efeito da esterilização no controle de populações de cães*. Tese de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Flores, L. (2009). *Os benefícios da interação Homem-Animal e o papel do médico veterinário*, Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Porto Alegre.
- Fogle, B. (2009). *Cães* (1.^a Ed). Brasil.

- Garcia, R., Calderón, N. & Ferreira, F. (2012). *Consolidação de diretrizes internacionais de manejo de populações caninas em áreas urbanas e proposta de indicadores para seu gerenciamento*. Revista Salud Publica.
- Gomes, R. (2002). *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus*. Território e cultura.
- Gouveia, J. (2000). *Ansiedade Social: Da Timidez à Fobia Social*. Quarteto Editora. Coimbra.
- Harrison, K. (2014). *Cat Behavior: Cats Demonstrate Attachment Behaviors Similar To Humans*, FullyFeline.
- Horváth, Z., Dóka, A. & Miklósi, A. (2008). *Affiliative and disciplinary behaviour of human handlers during play with their dog affects cortisol concentrations in opposite directions*. Elsevier.
- Jagoe, A. & Serpell, J. (1996). *Owner characteristics and interactions and the prevalence of canine behavior problems*. Official Journal of the International Society for Applied Ethology.
- Kleinman, A. (2004). *Culture and Depression*. Acedido a 11 Junho 2015 em: <http://www.haifamed.org.il/pictures/files/%D7%9E%D7%90%D7%9E%D7%A8%20%D7%A9%D7%9C%D7%99%D7%A9%D7%99.pdf>
- Kostman, A. (2003). *Um caso de amor animal*. Veja. São Paulo.
- Lisboa, V. (2015). *Brasileiros têm duas vezes mais cães do que gatos criados em casa*. Agência Brasil. Acedido a 20 Agosto 2015 em: <http://www.ebc.com.br/noticias/2015/06/brasileiros-tem-duas-vezes-mais-caes-do-que-gatos-criados-em-casa>
- Lovibond, S. & Lovibond, P. (1995). *Manual for the Depression Anxiety Stress Scales* (2nd. Ed.). Sydney Psychology Foundation.
- Lowe, A. (2004). *Depression*. Canadian Epilepsy Alliance. Acedido a 15 Junho 2015 em: <http://epilepsymatters.com/information-resources/living-with-epilepsy/depression/>
- Lund, E., Armstrong, P., Kirk, C. & Klausner, J. (2006). *Prevalence and risk factors for obesity in adult dogs from private US veterinary practices*. International Journal of Applied Research in Veterinary Medicine.

- Macpherson, C., Meslin, F. & Wandeler, A. (2000). *Dogs, zoonoses and public health*. CABI publishing. New York.
- Messam, L., Kass, P. , Chomel, B. & Hart, L. (2008). *The human–canine environment: A risk factor for non-play bites?* The Veterinary Journal.
- Mickey, D. (2000). *Our dogs, our mirrors*. Acedido a 15 Abril 2015 em: <http://www.fieldwooddogtrainingcenter.com/mirrors.pdf>
- Mithen, S. (1996). *The prehistory of the mind: a search for the origins of art, religion and science*. Thames and Hudson. London.
- New, J. et al. (1999). *Moving: Characteristics of dogs and cats and those relinquishing them to 12 U.S. animal shelters*. Journal of Applied Animal Welfare Science, v. 2, n. 2.
- Niven, D. (2001). *Os 100 segredos das pessoas felizes: Descobertas simples e úteis dos estudos científicos sobre a felicidade*. Rio de Janeiro.
- Odendaal, J. & Meintjes, R. (2003). *Neurophysiological Correlates of Affiliative Behaviour between Humans and Dogs*, The Veterinary Journal, v.165.
- O’Farrel, V., (1997). *Owner attitudes and dog behaviour problems*. Department of Veterinary Medicine Royal School of Veterinary Studies. Summerhall. Edinburgh.
- O’Farrell, V. & Peachey, E: (1990). *Behavioural effects of ovariohysterectomy on bitches*. Journal of Small Animal Practice.
- O’Heare, J. (2006). *The effects of spaying and neutering on canine behavior*. Association of animal behavior professionals. Acedido a 20 Agosto 2015 em: http://www.associationofanimalbehaviorprofessionals.com/effects_of_neutering.html
- Ohl, F., Arndt, S. & Staay, F. (2008). *Pathological anxiety in animals*, The Veterinary Journal, n. 175.
- Pachana, N. et al. (2011). *A developmental psychological perspective on the human-animal bond*, in *The psychology of the human-animal bond – a resource for clinicians and researchers*, Springer.
- Parthasarathy, V. & Crowell-Davis, S. (2006). *Relationship between attachment to owners and separation anxiety in pet dogs (Canis lupus familiaris)*. Elsevier.

- Pedersen, N. & Wastlhuber, J. (1991). *Feline Husbandry- Diseases and Management in the Multi-Cat Environment*. American Veterinary Publications, Inc..
- Peixoto, G. et al. (2009). *Zooterapia: uma prática essencial*. Acedido a 1 de Maio 2014 em: http://www.pubvet.com.br/artigos_det.asp?artigo=56.
- Pérez-Guisado, J. & Muñoz-Serrano, A. (2009). *Factors linked to dominance aggression in dogs*. Journal of Animal and Veterinary Advances.
- Podberscek, A. & Serpell, J. (1996). *The English Cocker Spaniel: preliminary findings on aggressive behaviour*. Applied Animal Behaviour Science.
- Porto, R. & Cassol, S. (2007). *Zooterapia uma lição de cidadania: o cão sociabilizador e a criança vítima de violência intrafamiliar*. Revista Campo Mourão, v.3, n.2.
- Reichler, I.M., (2008) *Surgical Contraception: Pros and Cons*. 6th International Symposium on Canine and Feline Reproduction, Vienna, Austria, Acedido a 20 Agosto 2015 em: <http://www.ivis.org/proceedings/iscfr/2008/session2/2.pdf?LA=1>
- Salema, J. (2005). *Abandono e Maus Tratos dos Animais*. Acedido a 2 Fevereiro 2015 em: <http://www2.fcsh.unl.pt/cadeiras/web2/carla/trabalhos/1animais.pdf>
- Salman, M. et al. (1998). *Human and animal factors related to the relinquishment of dogs and cats in 12 selected animal shelters in the U.S.A.*. Journal of Applied Animal Welfare Science, v.1.
- Santin, J. (2015). *A ética na relação entre humanos e cães de companhia: qual o papel do proprietário?* Acedido a 10 Maio 2015 em: http://www.nossamatilha.com.br/mypoint/jusantin/p_a_etica_na_relacao_entre_humanos_e_caes_de_companhia_qual_o_papel_do_proprietario_etica_je-anjacques_rousseau_filosofia_animais_de_estimacao_bemestar_humanos_577_5.aspx
- Scarlett, J. et al. (1999). *Reasons for relinquishment of companion animals in U.S. animal shelters: Selected health and personal issues*. Journal of Applied Animal Welfare Science, v.2.
- Seksel, K. (1997). *Puppy socialization classes*, Veterinary Clinics of North America Small animal practice, v.27, n.3.

- Serpell, J. (1996). *Evidence for an association between pet behaviour and owner attachment levels*. Department of Clinical Studies, School of Veterinary Medicine, University of Pennsylvania, Philadelphia.
- Serpell, J. (2005). *People in disguise – anthropomorphism and the human-pet relationship*. In Daston, L. & Mitman, G. (2005) *Thinking with animals – new perspectives on anthropomorphism*. Columbia University Press. New York.
- Sherman, B. (2000). *Separation Anxiety in Dogs*. Compendium, v.22, n.4.
- Silva, J. (2011). *Terapia assistida por animais*. Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Saúde e Tecnologia Rural Campus de Patos – publicação Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária (Monografia).
- Simpson, B. (2000). *Canine Separation Anxiety*. The Veterinary Behavior Clinic, North Carolina.
- Thalmann, O. et al. (2013). *Complete mitochondrial genomes of ancient canids suggest a European origin of domestic dogs*, Revista Science Novembro 2013.
- The Telegraph. Acedido a 28 Agosto 2015 em:
<http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/law-and-order/11305139/Dogs-more-popular-than-cats-for-the-first-time-in-over-20-years.html>
- Tuber, D. et al. (1996). *Behavioral and glucocorticoid responses of adult domestic dogs (Canis familiaris) to companionship and social separation*. J. Comp. Psych.
- Turner, D. (2000). *The human-cat relationship*. In: Bateson T. & Bateson P. *The Domestic Cat: The Biology Of Its Behaviour*. Cambridge University Press, v.3.
- Trut, L., Oskina, I., Kharlamova, A. (2012) *Experimental studies in early canid domestication*, American Scientist – versão online acedida a 27 Setembro 2015 em
<http://www.americanscientist.org/issues/feature/1999/2/early-canid-domestication-the-farm-fox-experiment/2>
- Veissier, I. & Boissy, A. (2006). *Stress and welfare: Two complementary concepts that are intrinsically related to the animal's point of view*. Elsevier.
- Vigne, J. et al. (2004). *Early Taming of the Cat in Cyprus*, Science n.304.
- Voith, V. & Borchelt, P. (1996). *Separation anxiety in dogs*, Readings in Companion Animal Behavior, Veterinary Learning Systems.

- Wells, D. & Hepper, P. (2000). *Prevalence of Behaviour problems reported by owners of dogs purchased from an animal rescue shelter*. Applied Animal Behaviour Science.
- Wilson, D. & Reeder, D. (2005) *Mammal species of the World. A taxonomic and geographic reference* (3.^a ed.). The Johns Hopkins University Press.

APÊNDICE



Questionário

Este questionário foi realizado no âmbito de um estudo para tese de mestrado em medicina veterinária e tem como objectivo compreender a dinâmica comportamental decorrente da interacção entre o dono e o seu animal de estimação. Não existem respostas certas ou erradas.

Dados do Proprietário:

1. Sexo:

1.1 Masculino... ☐ 1.2 Feminino ... ☐

2. Idade:

____ anos

3. Distrito:

4. Estado Civil:

- 4.1 Casado ☐
4.2 Solteiro ☐
4.3 Divorciado ☐
4.4 Viúvo ☐
4.5 União de Facto ☐
4.6 Separação de Facto ... ☐
4.7 Outro ☐

5. Escolaridade:

- 5.1 1º Ciclo/4ª classe ☐
5.2 2º Ciclo/6º ano ☐
5.3 3º Ciclo/9º ano ☐
5.4 Secundário ☐
5.5 Licenciatura ☐
5.6 Mestrado ☐
5.7 Doutoramento ☐

6. Actualmente está empregado(a)?

6.1 Sim ☐ 6.2 Não ☐

7. É proprietário de:

7.1 Cão ☐ 7.2 Gato ☐

Relativamente ao animal:

8. Sexo:

8.1 Masculino... ☐

8.2 Feminino... ☐

9. Castrado?

9.1 Sim... ☐

9.2 Não... ☐

10. Idade:

____ anos

11. O seu animal tem problemas de comportamento? 11.1 Sim ☐ 11.2 Não ☐

12. Se respondeu sim à questão anterior, diga-nos qual ou quais?

- 12.1 Agressividade dirigida aos donos ☐
12.2 Agressividade dirigida a pessoas desconhecidas ☐
12.3 Agressividade dirigida a animais da mesma casa ☐
12.4 Agressividade dirigida a animais desconhecidos ☐
12.5 Comportamentos compulsivos ☐
12.6 Comportamentos destrutivos ☐
12.7 Comportamentos sexuais indesejados ☐
12.8 Deambulação nocturna pela casa ☐
12.9 Eliminação inapropriada (p.e., com urina) ☐
12.10 Hiperactividade ou excesso de actividade ☐
12.11 Medo de barulhos ☐
12.12 Medo de pessoas ☐
12.13 Vocalização diurna excessiva ☐
12.14 Vocalização noturna excessiva ☐
12.15 Outro. Qual? _____

13. Vivem crianças (até aos 12 anos) com o animal? 13.1 Sim ☐ 13.2 Não ☐

14. Se Sim, qual a idade? ____ anos

15. Ambiente onde vive:

15.1 Rural ☐

15.2 Urbano ☐

16. Tem acesso ao exterior?

16.1 Sim..... ☐

16.2 Não ☐

17. Área onde o seu animal permanece mais tempo:

17.1 Interior... ☐ 17.2 Exterior.. ☐

18. Quanto tempo, por dia, em média, o animal fica sozinho em casa? ____ horas.

19. Para cada uma das frases que vai ler seguidamente assinale com uma cruz (X) o número que melhor indica até que ponto cada uma das frases se aplicou a si DURANTE A ÚLTIMA SEMANA. Responda, por favor, de acordo com a seguinte escala:

- 0 - Não se aplicou **nada** a mim;
1 - Aplicou-se a mim **algumas** vezes;
2 - Aplicou-se a mim **muitas** vezes;
3 - Aplicou-se a mim a **maior parte** do tempo.

19.1.	Fiquei perturbado com facilidade por coisas triviais do dia-a-dia.	0	1	2	3
19.2.	Senti a minha boca seca.	0	1	2	3
19.3.	Não consegui sentir nenhum sentimento positivo.	0	1	2	3
19.4.	Senti dificuldades em respirar (por exemplo, respirar de modo excessivamente rápido ou falta de ar na ausência de exercício físico).	0	1	2	3
19.5.	Não consegui fazer nada.	0	1	2	3
19.6.	Reagi em demasia a determinadas situações.	0	1	2	3
19.7.	Senti-me a fraquejar (por exemplo sem força nas pernas).	0	1	2	3
19.8.	Senti dificuldades em me relaxar.	0	1	2	3
19.9.	Estive em situações em que me provocaram tanta ansiedade que fiquei aliviado quando consegui sair delas.	0	1	2	3
19.10.	Senti que não tinha nada a esperar do futuro.	0	1	2	3
19.11.	Fiquei perturbado com facilidade.	0	1	2	3
19.12.	Senti que estava a utilizar muita energia nervosa.	0	1	2	3
19.13.	Senti-me triste e deprimido.	0	1	2	3
19.14.	Senti-me impaciente quando me faziam esperar (por exemplo nos elevadores, semáforos ou em qualquer outra situação em que tive que esperar).	0	1	2	3
19.15.	Tive sensações de desmaio.	0	1	2	3
19.16.	Senti que tinha perdido interesse praticamente em tudo.	0	1	2	3
19.17.	Senti que não tinha muito valor como pessoa.	0	1	2	3
19.18.	Senti que estava demasiado susceptível ou irritável.	0	1	2	3
19.19.	Tive suores intensos (por exemplo mãos suadas) que não foram provocados por temperatura elevada ou por exercício físico.	0	1	2	3
19.20.	Senti-me aterrorizado sem ter uma boa razão para isso.	0	1	2	3
19.21.	Senti que não vale a pena viver.	0	1	2	3
19.22.	Tive dificuldades em me acalmar.	0	1	2	3
19.23.	Tive dificuldades em engolir.	0	1	2	3
19.24.	Não consegui ter prazer nas coisas que fiz.	0	1	2	3
19.25.	Senti alterações no meu coração sem fazer exercício físico (por exemplo, aumentos no ritmo cardíaco ou falta de batimentos).	0	1	2	3
19.26.	Senti-me demasiado triste.	0	1	2	3
19.27.	Senti-me muito irritável.	0	1	2	3
19.28.	Senti-me quase a entrar em pânico.	0	1	2	3
19.29.	Senti dificuldades em me acalmar depois de algo que me perturbou.	0	1	2	3
19.30.	Tive medo de não conseguir enfrentar tarefas simples porque não estou familiarizado com elas.	0	1	2	3
19.31.	Não fui capaz de ter entusiasmo por nada.	0	1	2	3
19.32.	Tive dificuldades em tolerar ser interrompido no que estava a fazer.	0	1	2	3
19.33.	Estive num estado de tensão nervosa.	0	1	2	3
19.34.	Senti tremores.	0	1	2	3
19.35.	Estive intolerante em relação ao que me impediu de terminar o que estava a fazer.	0	1	2	3
19.36.	Senti-me aterrorizado.	0	1	2	3
19.37.	Não consegui ver nada no futuro para ter esperança.	0	1	2	3
19.38.	Senti que a vida não tinha futuro.	0	1	2	3
19.39.	Senti-me agitado.	0	1	2	3
19.40.	Preocupe-me com situações em que podia entrar em pânico e fazer figura ridícula.	0	1	2	3
19.41.	Senti tremores (por exemplo nas mãos).	0	1	2	3
19.42.	Tive muita dificuldade em ter iniciativa para fazer coisas.	0	1	2	3

A questão 19 foi extraída de Versão portuguesa do DASS efectuada por A. Baptista, R. Santos, A. I. Silva & I. Baptista, 1999.

Muito Obrigada pela sua colaboração